

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**POR TERRITÓRIOS FÚNEBRES DO RECIFE:
MORTE E VIDA NOS BAIRROS
DA VÁRZEA E CASA AMARELA**

FÁBIO CAVALCANTE DE MELO

Recife, 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
MESTRADO EM GEOGRAFIA

**POR TERRITÓRIOS FÚNEBRES DO RECIFE:
MORTE E VIDA NOS BAIRROS
DA VÁRZEA E CASA AMARELA**

FÁBIO CAVALCANTE DE MELO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia - PPGeo da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Regionalização e Análise Regional.

Orientador: Prof. Dr. Alcindo José de Sá.

Co-orientador: Prof. Dr. Bruno Maia Halley

Recife, 2024

.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Melo, Fábio Cavalcante de.

Por territórios fúnebres do Recife: morte e vida nos bairros da Várzea e Casa Amarela / Fábio Cavalcante de Melo. - Recife, 2025.

91f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, 2024.

Orientação: Alcindo José de Sá.

Coorientação: Bruno Maia Halley.

Inclui referências.

1. Território; 2. Geossímbolos; 3. Cemitério; 4. Várzea; 5. Casa Amarela; 6. Recife. I. Sá, Alcindo José de. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

**POR TERRITÓRIOS FÚNEBRES DO RECIFE: MORTE E VIDA NOS
BAIRROS DA VÁRZEA E CASA AMARELA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em geografia. Área de concentração: regionalização e análise regional.

Aprovada em: 23/08/2024.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alcindo José de Sá (Orientador – Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Thiago Romeu de Souza (Examinador Externo)
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Samir do Nascimento Valcácio (Examinador Externo)
Universidade Federal de Roraima

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha sincera gratidão ao meu orientador, Professor Prof. Dr. Alcindo José de Sá e ao meu coorientador Prof. Dr. Bruno Maia Halley por seu apoio incondicional e orientações valiosas ao longo de todo o desenvolvimento desta dissertação. Seus conhecimentos e dedicação foram fundamentais para a realização deste trabalho.

Também gostaria de agradecer aos Professores Samir do Nascimento Valcácio e Thiago Romeu de Souza que se dispuseram em compor a banca de defesa na qualidade de examinador, e aos professores Lucas Costa de Souza Cavalcanti, Isabela Andrade de Lima Morais e Claudio Ubiratan Gonçalves aos quais agradeço pela ajuda e pelas trocas enriquecedoras que realizamos. Foram momentos que tornaram essa jornada acadêmica muito mais leve e agradável.

À minha esposa, Natália Veríssimo Teixeira que sempre esteve ao meu lado, agradeço pelo amor e suporte em todas as fases deste processo. Dedico esta dissertação à minha avó Luzia Rosa de Melo (in memoriam). Sua sabedoria, amor e apoio incondicional foram fundamentais em minha jornada. A sua crença em mim e em meu potencial me motivou a seguir em frente, mesmo nos momentos mais desafiadores. Agradeço por cada ensinamento e por todas as memórias que levo comigo. Esta conquista é tão sua quanto minha. Sem o incentivo e compreensão de vocês, eu não teria conseguido superar os desafios que encontrei.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Pernambuco, pela oportunidade e recursos disponibilizados, que foram essenciais para a realização desta pesquisa.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Cemitério de Santo Amaro	10
Figura 02: Dona Santa era uma figura feminina bastante respeitada entre os homens, tanto quanto como liderança religiosa quanto no maracatu.....	11
Figura 03: Cruz do Patrão no bairro do Pilar	12
Figura 04: Foto da entrada do cemitério dos Israelitas	17
Figura 05: Vista do Morro da Conceição, provavelmente em meados do século XX.....	18
Figura 06: Geossímbolos das necrópoles da Várzea e Casa Amarela.....	20
Figura 07: O último adeus a um ente querido no cemitério de Casa Amarela...	23
Figura 08: Moradores locais oferecendo serviços de limpeza e pintura dos túmulos no Cemitério da Várzea.	30
Figura 09: Vendedores ambulantes na entrada e entorno do cemitério de Casa Amarela.....	31
Figura 10: Registro da presença de animais na necrópole de Casa Amarela...	32
Figura 11: Pormenor da <i>Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes</i> , de 1876, com o Cemitério da Várzea no centro do recorte.....	37
Figura 12: Localização do Cemitério da Várzea na cidade do Recife.	40
Figura 13: Objetos lúgubres e práticas simbólicas em túmulos no Cemitério da Várzea.....	42
Figura 14: Casas sobre o muro de gavetas do Cemitério da Várzea. A negação ao território dos mortos no bairro.	43
Figura 15: Única residência com varanda voltada para a necrópole (casas erguidas no muro oeste).....	44
Figura 16: Portão e muro com a data de reforma do Cemitério da Várzea (10/09/1953).....	45
Figura 17: Dia de Finados no Cemitério da Várzea e o comércio informal no entorno da necrópole.	46

Figura 18: Funcionário do Cemitério da Várzea descansando sobre um túmulo.....	50
Figura 19: Fragmentos de ossadas expostas no Cemitério da Várzea.....	51
Figura 20: Foto da entrada do cemitério de Casa Amarela.....	56
Figura 21: Imagem de Satélite da Cemitério de Casa Amarela.....	62
Figura 22: Feira de Casa Amarela, 1955. Além do belíssimo registro da Feira, temos ao fundo o Cemitério de Casa Amarela.....	63
Figura 23: Feira Livre de Casa Amarela através do olhar da necrópole.....	64
Figura 24: Os desafios da necrópole de Casa Amarela frente a expansão do bairro.....	74
Figura 25: Apartamentos de alto padrão mais afastados da necrópole demonstrando a relação de poder.....	75
Figura 26: Residências mais humildes dividindo o muro do espaço da Necrópole de Casa Amarela.....	76
Figura 27: Depósito irregular de lixo no interior do Cemitério da Várzea.....	78

RESUMO

Desde o período paleolítico, a cultura fúnebre do homem envolve rituais e cerimônias para os mortos, com o Cristianismo popularizando o uso de cemitérios para evitar epidemias e preocupações médico-higienistas. No Brasil, cemitérios públicos foram construídos no século XIX para higienizar as cidades e evitar doenças. No Recife, os cemitérios dos Ingleses, Santo Amaro e Várzea foram construídos para atender às necessidades da época. O Cemitério Público da Várzea e Casa Amarela no Recife, são analisados como território sagrado demarcado geossimbolicamente por seus usuários, que têm diferentes usos, ritos e objetos lúgubres no local. A dissertação de mestrado propõe uma análise das relações dos moradores da Várzea e de Casa Amarela com os seus respectivos cemitérios, incluindo questões sanitárias, ambientais e condições de trabalho dos funcionários. As relações no cemitério revelam paradoxos na escala do bairro, com moradores demonstrando tanto proximidade quanto rejeição ao local dos mortos. O estudo metodologicamente se baseia na formação urbana do Recife e do bairro da Várzea e de Casa Amarela, além de trabalhos acadêmicos sobre cemitérios e os conceitos de bairro, território e geossímbolo. Trabalhos in loco foram realizados no bairro e no cemitério tanto da Várzea quanto Casa Amarela para coletar informações, entrevistas e fotografias essenciais para a pesquisa.

Palavras-chaves: Território; geossímbolos; Cemitério; Várzea; Casa Amarela; Recife.

ABSTRACT

Since the Paleolithic period, man's funeral culture has involved rituals and ceremonies for the dead, with Christianity popularizing the use of cemeteries to avoid epidemics and medical-hygienistic concerns. In Brazil, public cemeteries were built in the 19th century to sanitize cities and prevent disease. In Recife, the Ingleses, Santo Amaro and Várzea cemeteries were built to meet the needs of the time. The Várzea Public Cemetery and Casa Amarela in Recife are analyzed as sacred territory geosymbolically demarcated by its users, who have different uses, rites and lurid objects in the place. The master's thesis proposes an analysis of the relationships between the residents of Várzea and Casa Amarela with their respective cemeteries, including health and environmental issues and employee working conditions. Relationships in the cemetery reveal paradoxes on a neighborhood scale, with residents demonstrating both proximity and rejection of the place of the dead. The study methodologically is based on the urban formation of Recife and the neighborhoods of Várzea and Casa Amarela, in addition to academic work on cemeteries and the concepts of neighborhood, territory and geosymbol. On-site work was carried out in the neighborhood and in the cemetery of both Várzea and Casa Amarela to collect information, interviews and photographs essential for the research.

Keywords: Territory; geosymbols; Cemetery; Várzea; Casa Amarela; Recife.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS
LISTA DE FIGURAS
RESUMO
ABSTRACT

CONSIDERAÇÕES INICIAIS 1

CAPÍTULO I

POR TERRITÓRIOS FÚNEBRES DO RECIFE: TERRITORIALIDADES, USOS MEMÓRIAS E GEOSSÍMBOLOS NA APREENSÃO DOS CEMITÉRIOS DA VÁRZEA E CASA AMARELA – MORTE E VIDA NOS BAIROS..... 3

1.1. Os cemitérios do Recife como lugares de memória: revisitando a formação dos territórios fúnebres no contexto da expansão da cidade..... 4

1.2. Morte e vida nos bairros: apreendendo os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela na condição de territórios geossimbólicos do Recife..... 19

1.3. Entre o sagrado e profano: as territorialidades, os geossimbolismos, os usos e contra-usos nos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela. 25

CAPÍTULO II

TERRITORIALIDADES E GEOSSIMBOLISMOS NO CEMITÉRIO DA VÁRZEA: MORTE E VIDA NA ZONA OESTE DO RECIFE..... 34

2.1. Escavando memórias: a construção do território fúnebre da Várzea na Zona Oeste da cidade do Recife 35

2.2. Geossimbolismos, usos e territorialidades no território sagrado e profano da Várzea..... 40

2.3. Contra-usos no território sepulcral da Várzea: o desarranjo urbano-ambiental do cemitério no bairro. 49

CAPÍTULO III

NO CENTRO DO BAIRRO: ANALISANDO O TERRITÓRIO SEPULCRAL DE CASA AMARELA EM SUAS TERRITORIALIDADES – ZONA NOROESTE DO RECIFE..... 53

3.1. Nos meandros da memória: a gênese do campo santo de Casa Amarela na formação territorial do Recife..... 54

3.2. Em meio ao mercado, feira-livre e comércio local: territorialidades sagradas e profanas do Cemitério Público de Casa Amarela no coração do bairro. 61

3.3. Incrustado nas paredes de Casa Amarela: a relação dos vivos com os mortos no bairro e suas consequências urbano-ambientais. 70

CONSIDERAÇÕES FINAIS 78

REFERÊNCIAS..... 80

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde o período paleolítico, o homem carrega em sua cultura fúnebre um cabedal de manifestações envolvendo os vivos e os mortos. Inúmeros espaços foram eleitos para a realização destes rituais e cerimônias de caráter funesto. No mundo ocidental, o Cristianismo popularizou a criação e o uso dos cemitérios para além dos espaços das igrejas, e da própria cidade em si, em razão das preocupações médico-higienistas frente ao temor dos chamados “miasmas”, então também associados à putrefação dos cadáveres.

A palavra "necrópole" tem origem no grego antigo. Ela é composta por duas partes: "nekros" (νεκρός), que significa "morto," e "polis" (πόλις), que significa "cidade". Assim, a etimologia de "necrópole" pode ser traduzida literalmente como "cidade dos mortos".

Historicamente, o termo é utilizado para se referir a grandes cemitérios ou áreas funerárias que, em muitas civilizações antigas, eram organizadas de maneira que se assemelhavam a cidades, com túmulos, monumentos e estruturas destinadas ao sepultamento. A palavra é frequentemente utilizada em contextos arqueológicos e históricos para descrever locais significativos onde se encontram sepulturas de indivíduos ou grupos.

No Brasil, a construção dos cemitérios públicos ocorreu na primeira metade do século XIX, em face às necessidades de higienizar os espaços das cidades, evitando as mortíferas epidemias do período. No Recife, os primeiros cemitérios construídos foram o dos Ingleses (1814) e o de Santo Amaro (1851), para além dos bairros centrais da capital pernambucana. Nos arredores também foram construídos outros cemitérios, chamando atenção a necrópole da Várzea, datada de 1867, estando situada no limite oeste da cidade, próximo à margem direita do rio Capibaribe.

De objeto afastado da cidade, o cemitério acabou por se encontrar imerso no tecido da metrópole, revelando certas singularidades na atualidade, no que

se refere aos usos e relações ali processadas. Desse modo, a dissertação de mestrado ora apresentada propõe analisar o Cemitério Público da Várzea, na porção mais oriental do Recife, na condição de um território sagrado demarcado “geossimbolicamente” (BONNEMAISON, 2012) por seus usuários em diversos usos, contra-usos, ritos, mitos e objetos lúgubres – sepulturas, ossuários, covas, artes tumulares, flores, velas, oferendas, entre outros.

Para além desta geografia sepulcral, também se discute a relação dos moradores da Várzea com o cemitério, sobretudo no tocante à realidade de casas geminadas aos muros da necrópole, aos problemas de ordem sanitário-ambiental e às condições precárias de trabalho dos funcionários do cemitério (coveiros), que engendram uma série de situações profanas no interior e entorno do território dos mortos.

No bojo deste contexto, observa-se que as relações processadas no cemitério denotam paradoxos na escala do bairro, com os moradores, ao mesmo tempo, revelando relações amiúdes com o local dos mortos, mas também rejeições ou relações de medo, seja por questões religiosas ou “sobrenaturais”, seja por motivos médico-higienistas, ou por ambos os motivos. Malgrado esse quadro, evidencia-se que o último cemitério à oeste do Recife, também se revela como última morada para os moradores da Várzea e Casa Amarela, que constroem suas vidas com seus vizinhos, parentes e amigos até a hora do seu sepultamento na necrópole do bairro, *locus* de variadas contradições físico-materiais e simbólico-imateriais.

Metodologicamente, a dissertação de mestrado centra-se em estudos sobre a formação urbana do Recife, e, assim, do bairro da Várzea e de Casa Amarela, e em trabalhos acadêmicos calcados na investigação de cemitérios, especialmente àqueles que dialogam com os aportes da Geografia urbana e cultural, e, com eles, os conceitos de bairro, território e geossímbolo. Além destas leituras, o artigo apoia-se em trabalhos *in loco* realizados no bairro e no cemitério da Várzea, onde foi possível colher informações, entrevistas e fotografias imprescindíveis à feitura do estudo.

CAPÍTULO I

**POR TERRITÓRIOS FÚNEBRES DO RECIFE:
TERRITORIALIDADES, USOS MEMÓRIAS E GEOSÍMBOLOS
NA APREENSÃO DOS CEMITÉRIOS DA VÁRZEA E CASA
AMARELA – MORTE E VIDA NOS BAIROS**

1.1. Os cemitérios do Recife como lugares de memória: revisitando a formação dos territórios fúnebres no contexto da expansão da cidade

A relação entre território e poder, tanto dentro quanto fora de um cemitério, é um tema que pode ser analisado sob várias perspectivas, incluindo sociologia, antropologia, e estudos urbanos.

Território é um conceito que se refere à delimitação e controle de um espaço geográfico por um grupo ou indivíduo. O poder, por sua vez, é entendido como a capacidade de influenciar ou controlar ações, decisões e recursos. A relação entre ambos pode ser complexa, especialmente quando analisamos espaços como cemitérios.

Dentro do cemitério, o poder é exercido de várias formas: Os locais de sepultamento são muitas vezes determinados por práticas culturais e religiosas, que refletem o poder de grupos sociais. Diferentes culturas têm modos diversos de lidar com a morte, e esses rituais podem consolidar ou desafiar hierarquias sociais. Por exemplo, a escolha do local de sepultamento pode ser uma maneira de afirmar status social.

O poder também se manifesta na forma como os cemitérios são administrados. Isso inclui quem tem direito a ser enterrado em determinadas áreas e as práticas de exumações. Estudos como os de **George E. Marcus** em "Ethnography Through Thick and Thin" podem ser utilizados para entender como os administradores podem exercer controle sobre os corpos e, por extensão, sobre a memória coletiva.

Os cemitérios são lugares de memória e, portanto, o poder se relaciona com a forma como as histórias de vida e morte são recordadas. A decisão sobre quem merece ser lembrado em monumentos e lápides pode servir para reforçar ou questionar as narrativas históricas.

Fora do cemitério, a relação de poder permanece significativa: Muitos cemitérios estão localizados em áreas que podem contribuir para a marginalização de certos grupos sociais. Cemitérios em áreas pobres podem ser negligenciados, refletindo uma forma de desvalorização social. Michel Foucault, em "Vigiar e Punir", discute como o espaço é uma forma de controle social, e isso se aplica à forma como certos espaços de sepultamento são tratados em contraste com outros.

A localização de um cemitério e sua acessibilidade também podem refletir relações de poder em um contexto urbano. A urbanização, o desenvolvimento e a especulação imobiliária podem resultar em pressões sobre os espaços de

sepultamento, como observam pesquisadores como **David Harvey** em "O Enigma do Capital".

Em alguns casos, a disputa por espaços entre diferentes grupos sociais ou étnicos pode ser intensificada pela questão dos cemitérios. A luta por direitos sobre a terra e a memória é um tema que aparece em contextos diversos, como estudos de caso sobre os direitos dos indígenas em relação a territórios sagrados.

Os cemitérios são lugares que têm uma forte carga simbólica e ritualística, servindo como ligação entre os vivos e os mortos. Nestes espaços, várias práticas e símbolos são usados para lembrar e honrar aqueles que já se foram, além de consolar os que ficaram.

Um dos símbolos mais comuns encontrados nos cemitérios é a cruz, que representa a fé cristã e a esperança na ressurreição. Além disso, as lápides e monumentos funerários também têm uma grande importância simbólica, pois guardam a memória dos entes queridos e servem como local de homenagem e reflexão.

Os rituais também desempenham um papel fundamental nos cemitérios, tanto durante os funerais como em visitas posteriores. A prática de levar flores e acender velas no túmulo dos entes queridos é uma forma de manter viva a memória daqueles que já partiram, além de expressar carinho e respeito.

Outro ritual comum nos cemitérios é a celebração do Dia de Finados, onde familiares e amigos se reúnem para homenagear os falecidos, enfeitando os túmulos com flores e rezando por suas almas. Este dia especial reforça o elo entre os vivos e os mortos, proporcionando um momento de conexão espiritual e lembrança.

Portanto, os cemitérios representam uma ligação entre os vivos e os mortos, onde os símbolos e rituais desempenham um papel importante na preservação da memória e na expressão do luto. Estes espaços sagrados nos permitem honrar e recordar aqueles que amamos, mantendo viva a conexão com os que já partiram.

Um dos mais famosos poemas do pernambucano João Cabral de Mello Neto, *Morte e Vida Severina*, esboça, em forma de poesia, uma sociologia dos

cemitérios, mostrado como um espaço que reproduz as regras vigentes na sociedade, publicado em 1966, no livro *Morte e Vida Severina e Outros Poemas em Voz Alta* tornou-se a obra mais conhecida de Cabral, transformada em série de televisão e espetáculo teatral. Os versos do *Funeral de um Lavrador*, musicados por Chico Buarque, tornaram-se clássicos da Música Popular Brasileira.

A parte do poema que aborda as desigualdades sociais no mundo dos mortos é a conversa de dois coveiros, na qual os homens encarregados dos sepultamentos nos cemitérios de Santo Amaro e Casa Amarela fazem comentários sobre as diferentes formas de dar destino nos mortos.

Numa descrição do cemitério de Santo Amaro, na qual as famílias tradicionais, constroem suntuosos mausoléus, mostra que os usineiros e os políticos são enterrados com pompa. Já quem levou uma vida modesta tem um enterro comedido. São os profissionais liberais, escritores, artista e jornalistas. E aqueles que mal viveram têm um enterro e uma estadia com dias contados: dois anos e um mês, depois são retirados para dar lugar a outro corpo.

As avenidas do centro, onde se enterram os ricos, são como o porto do mar: no máximo um transatlântico chega ali cada dia, com muita pompa, protocolo." "Não creio que te mandassem Para as belas avenidas Onde estão os endereços E o bairro da gente fina: Isto é, para o bairro dos usineiros, Dos políticos, dos banqueiros." "Só pedi que me mandassem Para as urbanizações discretas, Com os seus quarteirões apertados, Com suas cômodas de pedra. Para lá vão os jornalistas, Os escritores, os artistas, os boticários Os localizados aeroviários E os de profissão liberal Que não se liberam jamais." "Também um bairro dessa gente temos no de Casa Amarela com nome aberto na lousa quase sempre em letras pretas." "Eu também, antigamente, Fui do subúrbio dos indigentes; E uma coisa notei Que jamais entenderei: Essa gente do sertão Que desce para o litoral sem razão, Fica vivendo no meio da lama, Comendo siris que apanha; Pois bem: quando sua morte chega, Temos de enterrá-los em terra seca.

Recife é a capital de Pernambuco, com clima tropical e influência oceânica. Sua história remonta à colonização brasileira e a invasão holandesa durante o Brasil Colônia. Atualmente, possui 1,6 milhão de habitantes, um governo dividido em poderes e uma economia terciária forte. Recife também se destaca como centro cultural do Brasil, com moderna infraestrutura. O povoamento de Recife iniciou com a ocupação da costa brasileira pelos

portugueses, resultando na construção dos primeiros equipamentos urbanos na região. Inicialmente uma vila de pescadores dependente de Olinda, Recife cresceu significativamente durante a ocupação holandesa (1637-1654), com a expansão da infraestrutura urbana promovida pelos invasores. Após a reconquista de Recife pelos portugueses, houve um crescimento das atividades comerciais na cidade, utilizando as estruturas urbanas deixadas pelos holandeses. Recife se tornou um importante centro comercial, ganhando independência econômica em relação a Olinda. Isso impulsionou seu crescimento econômico e poder político, sendo oficializada como capital de Pernambuco e se tornando uma das principais metrópoles do Brasil atualmente.

Recife, está localizada na região nordeste do Brasil, banhada pelo Oceano Atlântico. Seu relevo é plano, com exceção de áreas elevadas no interior, formadas por morros. Os rios Capibaribe, Beberibe e Tejió cortam a cidade. Com um clima tropical, Recife é influenciada pela umidade oceânica, com altas temperaturas e chuvas entre março e junho. A vegetação predominante é a Mata Atlântica, com mangues próximos ao litoral. O crescimento urbano desordenado causou a perda de vegetação nativa, porém a cidade possui cerca de 25 áreas de preservação com espécies locais. Suas praias, destacando-se Boa Viagem, são um atrativo turístico.

Os cemitérios do Recife são verdadeiros tesouros de memória, revelando histórias e trajetórias que se entrelaçam com a própria formação da cidade. Ao revisitarmos esses territórios fúnebres, somos levados a refletir sobre a expansão urbana e a maneira como ela influenciou a organização dos espaços de sepultamento. Palavras-chave como tradição, cultura, identidade e respeito ganham destaque nesse contexto, mostrando como os cemitérios se tornaram locais de preservação da história e da memória coletiva. Cada lápide, cada mausoléu, conta uma parte da história da cidade e de seus habitantes, reforçando a importância de valorizarmos esses espaços como patrimônios culturais que merecem ser preservados e respeitados.

Segundo o Conselho Nacional de Meio Ambiente – CONAMA (BRASIL, 2003), cemitérios são áreas destinadas a sepultamentos. Na tradução direta e

literária trazida no dicionário de língua portuguesa, é o lugar onde se enterram os mortos ou se guardam cadáveres. Em grego koumetèrium e em latim coemeteriu, que significam dormitório, a palavra cemitério vem de uma evolução semântica ao longo do tempo, definida na língua francesa no século XVI (ARIÈS, 1977). Alguns sinônimos são: necrópole, sepulcrário, carneiro, Campo-Santo, cidade dos pésjuntos e última morada. (PACHECO, 2000).

O cemitério é um espaço destinado ao repouso dos cadáveres humanos. Local de culto aos mortos, local de celebração, local que guarda a memória dos que estão ali sepultados. Muito mais do que um lugar destinado à deposição de pessoas sem vida, o cemitério é um espaço onde há recorrentes manifestações ritualísticas de diferentes culturas, signos, histórias, obras de arte, túmulos que marcam identidades de indivíduos e lembranças de momentos distintos. (COSTA e CASTRO, 2015, p. 51)

Até a primeira metade do século XIX os sepultamentos no Recife eram realizados nas Igrejas, seja no piso, parede ou entornos das mesmas No Recife, os primeiros cemitérios construídos na primeira metade do século XIX em que há registros, são os dos Ingleses (1814) e o de Santo Amaro (1851) ambos afastados dos bairros centrais da capital,

O Cemitério Senhor Bom Jesus da Redenção conhecido como Santo Amaro (Figura 01) é considerado o primeiro cemitério público da cidade do Recife, e se configura como um dos lugares de memória da escravidão. Projetado pelo engenheiro José Mamede Alves Ferreira, no governo de Francisco de Rego Barros, foi inaugurado em 1º de março de 1851, destinado, inicialmente, ao sepultamento de pessoas vitimadas pelo surto de febre amarela, que não podiam ser sepultadas em igrejas, como era costume da época. O sepulcrário foi construído no bairro de Santo Amaro localizado próximo ao bairro da Boa vista, na parte norte da localidade havia mangues e, quando cheios, faziam uma barreira natural que se configurou como um dos caminhos para quem seguia em direção a Olinda. Pois, foi justamente neste alagado que se formou o bairro de Santo Amaro das Salinas que depois ficou conhecido apenas como Santo Amaro. O referido local de sepultamento possui forma retangular e encontra-se, internamente dividido em quatro quadras, sendo essas subdivididas em quarteirões numerados e entrecortados por quatro grandes alamedas. Ainda, existem outras alamedas que transpassam o cemitério de forma diagonal, há

ruas que circundam as quadras principais e radiais ligadas a capela, localizada na parte central. O cemitério foi construído mediante uma política de modernização da cidade, que visava práticas de higienização dos espaços públicos.

O cemitério de Santo Amaro está localizado nas proximidades dos locais de quarentena para os quais os africanos escravizados eram levados assim que aportavam no Recife. Koster e Tollenare; no início do século XIX afirmaram que os cativos recém-chegados eram depositados naquele local como medida preventiva das possíveis doenças trazidas da África. Os barracões localizados em Santo Amaro eram destinados aos africanos que precisavam de quarentena, pois chegavam com moléstias epidêmicas ou contagiosas. Esse regime era de extrema importância para que as doenças fossem tratadas e os cuidados se estendia para que a população não fosse contaminada. Desse modo, inventariar o local que na contemporaneidade é o cemitério de Santo Amaro é reconhecer rememorar a partir desse lugar as práticas de recepção de negros e negras que chegavam através do tráfico atlântico.

Da mesma forma, não é demais lembrar que estão sepultados no cemitério de Santo Amaro importantes personagens da história e cultura negras do Recife, como Dona Santa, rainha do Maracatu-nação Elefante, e importante mãe de Santo (Figura 01), dentre outros.

Como símbolo negro, além do cemitério de Santo Amaro, destaca-se também, a Cruz do Patrão com um dos lugares de memórias da escravidão. A cruz do Patrão consiste em uma coluna de alvenaria, com mais ou menos seis metros de altura e que tem no seu topo uma cruz de pedra, e é um monumento histórico que remete ao século XVII. A cruz era utilizada como sinaleira para navios que precisavam atracar no istmo entre Recife e Olinda. O nome do local se refere ao marco que orientava o patrão da embarcação no canal de acesso do ancoradouro interno do Porto do Recife. “Patrão da embarcação” era um termo náutico para designar o chefe da guarnição de um barco pequeno. Hoje como não existe mais um istmo, a cruz fica situada à beira do cais do Recife, a

margem esquerda do rio Beberibe, por trás do depósito que pertence às companhias de Petróleo nas imediações do terminal Açucareiro.

Figura 01: Cemitério de Santo Amaro



Acervo Fundaj

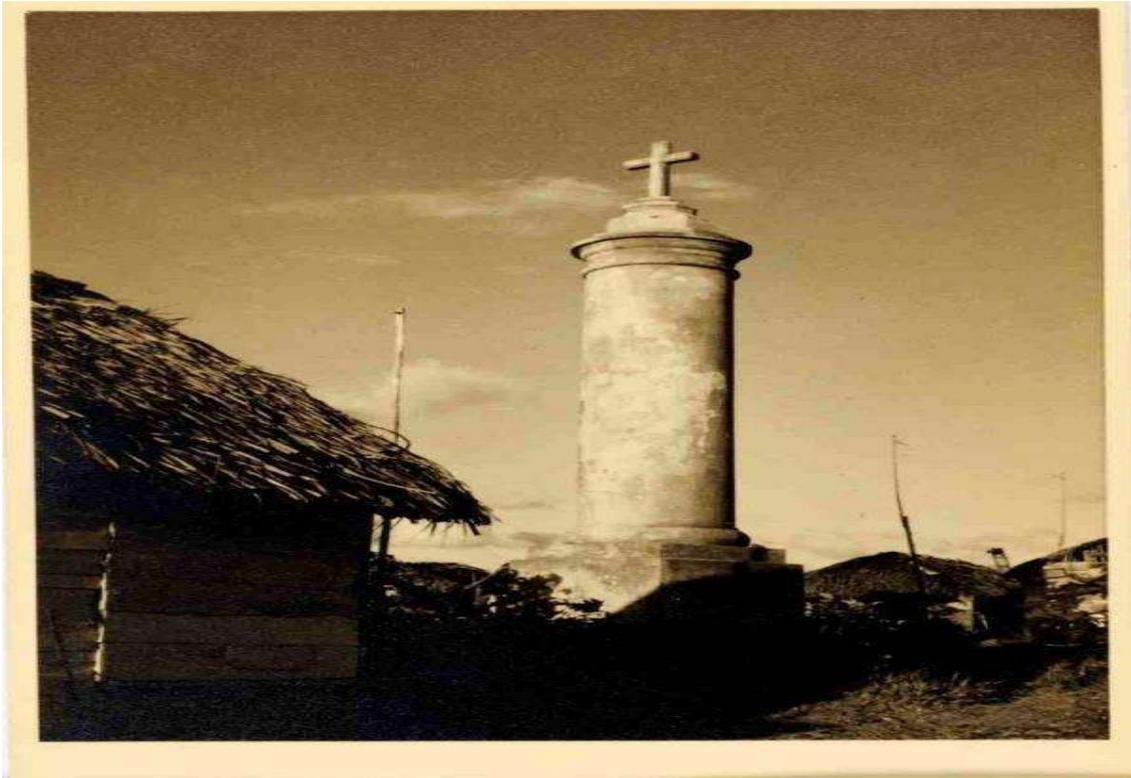
Figura 02: Dona Santa era uma figura feminina bastante respeitada entre os homens, tanto quanto como liderança religiosa quanto no maracatu



Foto: Marcel Gautherot/Acervo IMS

É um importante marco de memória da escravidão e da cultura negra no Recife, pois segundo Gilberto Freyre, “ a cruz do patrão foi o lugar onde os negros e negras se reuniam para realizar os catimbós, em tempos coloniais”. Talvez por isso, contemporaneamente o local, onde a referida cruz está situada, é considerada um dos lugares assombrados do Recife. Mas existem outros motivos, pois há narrativas que afirmam que nas imediações da Cruz do Patrão ficava um imenso areal onde, dizia-se, os negros que morriam pagãos tinham sepultura. Apesar dessas narrativas, de que nos arredores da Cruz do Patrão eram enterrados escravos, nenhuma pesquisa até o momento comprovou que de fato ali existiu um cemitério. Ainda hoje, a Cruz do Patrão é local onde os fiéis das religiões de matriz africana usam para depositar oferendas aos orixás ou aos mestres da jurema.

Figura 03: Cruz do Patrão no bairro do Pilar.



Acervo Fundaj

O Cemitério de Santo Amaro não foi o primeiro a ser aberto no Recife. Antes dele, uma necrópole foi criada para atender a uma reivindicação de estrangeiros que tinham muita influência no Brasil daquela época. Desde 1808, quando o rei Dom João VI abriu os portos do Brasil às “nações amigas”, muitos ingleses vieram com a intenção de fazer negócios. Em *Anais pernambucanos*, o historiador Pereira da Costa conta que, em 1813, o embaixador inglês, junto à Corte do Rio de Janeiro, fez uma reclamação formal contra “a prática indecente que existia em Pernambuco de serem enterrados nas praias os súditos britânicos da religião protestante que faleciam na capitania, nos mesmos lugares em que eram sepultados os negros africanos não batizados”. Isso porque, não sendo católicos, os ingleses não podiam ser sepultados nas igrejas ou no terreno em torno delas.

O médico e escritor Rostand Paraíso, estudioso da história dos ingleses no estado, lembra que, na primeira década do século 19, já havia cemitérios exclusivos para os britânicos em Salvador e no Rio. Por isso, não demorou para que o governo central atendesse à embaixada. Foi determinado às autoridades pernambucanas que escolhessem um local para dar uma última morada aos finados britânicos. Em 1814, foi desapropriado um terreno na localidade de Santo Amaro das Salinas – próximo de onde seria fundado o cemitério dos católicos – e a área foi entregue ao cônsul inglês. O citado surto de febre amarela levou à morte muitos estrangeiros residentes na capital, em 1850, e surgiu a necessidade de ampliar o cemitério britânico. Isso foi feito com a doação de terrenos vizinhos, pertencentes ao Barão Francisco do Rego Barros – que viria a ser o Conde da Boa Vista.

Ainda no século 19, o Cemitério dos Ingleses se tornou o derradeiro destino de um pernambucano ilustre: o general José Inácio Abreu e Lima. O militar, que se envolvera numa polêmica teológica, quando faleceu, em 8 de março de 1869, teve negado o sepultamento no Cemitério de Santo Amaro por ordem do bispo diocesano Dom Francisco Cardoso Aires. Em desagravo, o general foi enterrado no cemitério britânico.

Rostand Paraíso ressalta que o Cemitério dos Ingleses é uma legítima possessão da Coroa Britânica. “Tanto que, no final da década de 1960, o então prefeito da capital, Augusto Lucena, teve que pedir a permissão à rainha da Inglaterra, para usar parte do terreno do cemitério na obra de ampliação da Avenida Cruz Cabugá”, conta Paraíso.

A princípio, o entendimento foi complicado e a rainha Elizabeth II determinou que os túmulos não fossem violados. Para compensar a desapropriação, a prefeitura ofereceu um terreno vizinho, para a expansão do cemitério. A soberana mandou um representante para acompanhar o serviço e o asfalto finalmente avançou sobre onde antes ficava a área frontal da necrópole. Por isso, hoje, a capela está localizada bem próxima ao portão principal. Atualmente, esse cemitério é administrado por descendentes dos britânicos e fica fechado a maior parte do tempo.

Com relação ao Cemitério dos Ingleses do Recife, o fato de estar “como que abandonado”, apesar de tombado, não é garantia que ele não possa ter reconhecimento junto ao público, uma vez que os agentes responsáveis pela sua conservação não estão a agir adequadamente para com ele. Como posto por Roca (2008), mencionada em momento anterior deste texto, não se pode amar algo que não se conhece. Ou seja, muitas vezes o público pode se interessar ou se identificar pelo espaço, mas a falta do trabalho de e pela memória do mesmo, do desenvolvimento de ações comunicativas, constituem-se em inimigos da aproximação entre patrimônio e sociedade.

Pesquisa criteriosa e de maior abrangência se faz necessária para a passagem de colocações indiciais a constatações definitivas. O que é plausível dizer, diante dessas considerações apresentadas a partir de pesquisa exploratória nos dois cemitérios, é que os espaços cemiteriais (como já se pontuou) requerem para suas conservações e fruições, sobretudo ao serem alvos de patrimonialização, mais que projetos e políticas públicas e medidas legais. Somadas a tais ações se faz necessário o desvelamento de suas almas e a garantia de suas ressonâncias no contexto social de suas inserções.

Cemitérios ainda não são bem vistos (e talvez nunca o sejam um dia) pelas pessoas, decerto porque, entre outras memórias, remete ao fim inexorável de quem os contemplam e de seus entes diletos. Não obstante, esses espaços se modificaram significativamente no decorrer dos tempos e, como efeito, assumiram um papel muito importante no imaginário humano e nas paisagens das cidades. Inexcusável é, portanto, reconhecer, hoje, a pleora de valores e significados que podem proceder da relação comunicacional e sensorial deles com as sociedades que os produzem e os contêm.

A patrimonialização desses espaços decorre do resultado de um processo que perpassa as suas absorções pelos tecidos urbanos das grandes metrópoles, as suas inserções nas discussões que tratam sobre políticas patrimoniais e de turismo, a constituição de objeto de interesse na produção acadêmica.

Além do cemitério de Santo Amaro e dos Ingleses, está em investigação a possibilidade da existência do cemitério dos Holandeses localizados na

comunidade do Pilar. Pesquisas arqueológicas em Nossa Senhora do Pilar, Recife, revelaram um cemitério do século 17 com 51 esqueletos do Brasil-Holandês. O modo como foram encontrados, sem roupas e com símbolos judaicos, sugere que seja um cemitério judaico, contribuindo para a história dessa comunidade. A presença de um cemitério no primitivo povo dos Arrecifes é revelada pela cartografia a partir de 1612, no livro que dá razão do Estado do Brasil, escrito por Diogo de Campos Moreno, no qual aparece o mapa de Albernaz I assinalando o lugar do Recife.

No apêndice perto da paliçada, há uma grande cruz de madeira que indica o cemitério da vila. Esta cruz é semelhante à Cruz do Patrão e é representada na gravura holandesa "Olinda de Pernambuco", que descreve o panorama do porto, com o Recife e a vila de Olinda em 1630, incluindo o local do cemitério e o Forte de São Jorge mais ao sul.

Assim, a localização do novo cemitério encontrado sobre o casario da comunidade do Pilar no Recife pode estar relacionada com os acontecimentos da época, como a epidemia de 1646 e a falta de espaço no Hospital Militar da Companhia das Índias Ocidentais localizado no Forte de São Jorge. É possível que esse cemitério tenha sido utilizado para enterrar as vítimas da epidemia e das doenças que assolavam a população naquele período.

Portanto, é importante considerar o contexto histórico e as condições de saúde da época ao analisar a origem do cemitério encontrado no Bairro do Recife. A presença holandesa em Pernambuco deixou marcas profundas na história e na paisagem da região, e a descoberta desse cemitério pode revelar mais sobre esse período conturbado.

Durante o século XVI, as cidades de Recife e Olinda receberam muitos imigrantes judeus fugindo da Inquisição na Península Ibérica. Estima-se que cerca de trezentos judeus viveram no Recife durante o domínio holandês. Muitos dos primeiros colonizadores da Capitania de Pernambuco, como Duarte Coelho Pereira e Gaspar da Gama, eram cristãos-novos, judeus convertidos ao catolicismo para evitar perseguições.

No decorrer da invasão holandesa (1630-1654) e os sete anos de governo de Maurício de Nassau (1637-1644) no Brasil, houve um período considerado como uma época de ouro. Os judeus desfrutaram de liberdade religiosa, diferentes religiões conviveram em harmonia, e uma civilização única foi estabelecida nos trópicos. Nassau também manteve uma relação pacífica com os habitantes locais e os senhores de engenho.

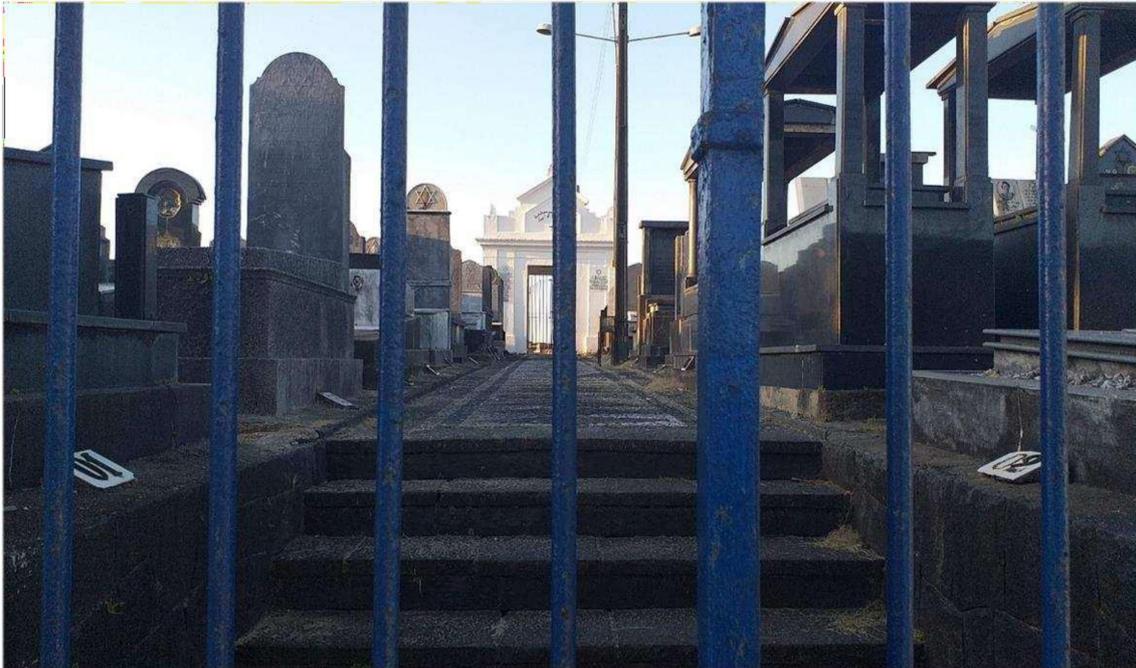
Beneficiada por diversos aspectos, a cidade Maurícia, atual cidade do Recife, se destacou nas Américas. Isso representou um contraste com a intolerância dos calvinistas e da Inquisição, que torturavam, perseguiram e queimavam vivos judeus e cristãos-novos. Calvinistas também incendiaram a vila de Olinda em 1631. A cidade brilhou devido a esses contrastes.

Na época da construção da Sinagoga Kahal Zur Israel no Recife, também foi estabelecido o primeiro Cemitério Judeu na região, no bairro da Boa Vista. O historiador José Antônio Gonsalves de Mello identificou sua localização nos mapas antigos, e posteriormente, os pesquisadores Mota Menezes e José Alexandre Ribemboim apontaram a área exata onde o cemitério existiu. Eles concluíram que o cemitério está situado nos fundos de instituições religiosas e uma empresa privada na rua da Glória, onde devem ocorrer futuras escavações arqueológicas.

Durante a Segunda Guerra Mundial, seis milhões de judeus foram mortos pela Alemanha nazista no Holocausto. Muitos judeus fugiram da Europa Oriental para escapar da perseguição e morte.

Após três séculos sem imigração significativa, Pernambuco atraiu novamente a população judaica, que construiu escolas, sinagogas, clubes e um cemitério para seguir suas tradições. O Cemitério Israelita, fundado em 1927 e localizado próximo à Igreja do Barro, substituiu o Cemitério de Santo Amaro como local de sepultamento dos judeus em Recife.

Figura 04: Foto da entrada do cemitério dos Israelitas.



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

Já no início do século XX, as colinas da Zona Norte do Recife tornaram-se um refúgio para os trabalhadores da Zona da Mata e para a população que vivia nos mocambos do centro (São José e Santo Antônio) e foi expulsa durante o processo de higienização, principalmente com o Programa da Liga Social contra os Mocambos no governo do interventor Agamenon Magalhães, em 1939. Foi assim que nasceu o bairro de Casa Amarela.

A técnica e a tecnologia dos mocambos são características da visão de mundo africana, sendo a construção e a forma de integração entre eles elementos de aqilombamento. Os quilombos são territórios formados pela união, reunião e resistência.

Figura 05: Vista do Morro da Conceição, provavelmente em meados do século XX.



Foto: Acervo FUNDAJ.

1.2. Morte e vida nos bairros: apreendendo os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela na condição de territórios geossimbólicos do Recife

Desde os primórdios da humanidade, os símbolos foram utilizados no cotidiano e rituais sociais. No ambiente cemiterial, os símbolos expressam a dualidade entre sujeito e objeto, refletindo as interpretações de vida da sociedade. Para Bellomo (2000), os símbolos transmitem culturas e valores sociais, não sendo objetos concretos. A simbologia cemiterial transmite e expressa a cultura, estabelecendo relações sociais. A individualização das sepulturas e escolhas em artes tumulares buscam perpetuar a identidade e memória dos mortos, transmitindo valores culturais aos vivos. Os símbolos servem como conforto para os vivos, criando um elo de memória ao visitar os entes queridos falecidos.

A simbologia cemiterial visa transmitir e expressar a cultura e estabelecer relações sociais. As sepulturas individualizadas e suas artes tumulares refletem o desejo de perpetuar a identidade e memória dos falecidos, transmitindo valores culturais para os vivos. Os elementos simbólicos servem como conforto aos vivos, promovendo um elo de memória. A importância dada à consagração dos mortos revela a ligação com uma linhagem. O medo do esquecimento gera a necessidade de registros em diferentes formas, garantindo a preservação da memória dos falecidos no dia a dia. As visitas aos cemitérios não são apenas atos de luto, mas também de reconexão com a história familiar e comunitária. A leitura das lápides e monumentos funerários constitui um exercício de resgate da trajetória de vidas passadas, revelando relações de parentesco e vínculos afetivos. A preservação do local de descanso dos entes queridos demonstra um cuidado contínuo com a memória coletiva, reforçando a importância da perpetuação das tradições e valores transmitidos através das gerações.

Os cemitérios podem ser considerados territórios geossimbólicos, o que significa que são espaços com profundos significados simbólicos para certas culturas ou sociedades. Nestes locais, além de servirem como local de descanso dos falecidos, também são espaços de memória, reflexão e reverência aos entes queridos que partiram.

Nesse contexto, observa-se a preservação dos entes queridos através dos objetos e imagens que depositados nos túmulos como uma forma de preservação, lembrança e respeito aos falecidos que ficarão vivos na memória dos parentes e amigos.

Figura 06: Geossímbolos das necrópoles da Várzea e Casa Amarela.



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

Através das sepulturas e símbolos nelas representados, a sociedade expressa seus sentimentos em relação à morte, buscando preservar a memória do falecido e perpetuar sua identidade. Essas manifestações simbólicas nos espaços cemiteriais refletem a busca pela dignidade diante da morte e a importância da memória na construção da identidade individual e coletiva. Segundo Le Goff, a memória é essencial na busca pela identidade, tanto a nível pessoal quanto social. As inscrições e epitáfios gravados nas lápides revelam a tentativa da comunidade de eternizar os legados dos que partiram, honrando suas vidas e legando-lhes um lugar na história coletiva. A preservação da memória através dos monumentos funerários não apenas resgata as narrativas individuais, mas também fortalece os laços comunitários, reafirmando a importância da continuidade e da conexão com as gerações passadas. Neste contexto, os cemitérios se tornam não apenas locais de descanso, mas verdadeiros repositórios de identidade e memória, onde o passado e o presente se entrelaçam para dar significado à existência humana.

Os cemitérios são frequentemente vistos como locais sagrados, onde a relação entre os vivos e os mortos é ritualizada e mantida por práticas religiosas, visitas regulares aos túmulos e cuidado com as sepulturas. Eles também podem representar a ligação das pessoas com suas raízes familiares e culturais, preservando a história e a identidade de uma comunidade.

Além disso, os cemitérios podem servir de fonte de inspiração artística e arquitetônica, com túmulos e monumentos elaborados que contam histórias e representam a criatividade e a expressão cultural de determinada época. Dessa forma, esses espaços são importantes não apenas como locais de sepultamento, mas também como territórios onde os valores, crenças e tradições de uma sociedade se manifestam e são preservados.

As necrópoles da Várzea e de Casa Amarela carregam certas similaridades em relação a sua origem, pois há registros de que ambos pertencem ao mesmo período ao qual se expandia pelo Recife um processo higienista, ou seja, segunda metade do século XIX, onde os sepultamentos deixavam de ser realizados nas igrejas e seus entornos e passaram a ser

realizados mais distantes dos centros urbanos. Porém, enquanto o cemitério da Várzea surgiu afastado do centro do bairro e ao longo do tempo foi se inserindo ao processo de expansão local, a necrópole de Casa Amarela tem sua gênese no centro do bairro de onde viu o crescimento urbano em seu entorno e até hoje permanece enraizado juntamente com o mercado público; feira livre, comércios e residências que fazem parte da paisagem urbana do centro de Casa Amarela.

Os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela são locais de grande importância na cidade do Recife, não apenas como lugares de sepultamento, mas também como territórios geossimbólicos que carregam uma carga simbólica e cultural muito forte.

Estes espaços guardam a memória dos que ali foram sepultados, mas também são pontos de encontro e atividades culturais. Eles funcionam como referência para a comunidade local, influenciando a paisagem e a identidade do bairro onde estão situados.

Além disso, os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela têm relevância histórica e arquitetônica, com monumentos e mausoléus que representam diferentes épocas e estilos arquitetônicos.

Portanto, é crucial reconhecer o valor dos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela como territórios geossimbólicos do Recife, que contribuem para a construção da identidade e memória coletiva da cidade. É essencial preservar e destacar esses espaços, garantindo que continuem a desempenhar seu papel na preservação da história e cultura local.

O cemitério da Várzea é um local que tem profundos significados simbólicos para a comunidade, sendo considerado um território geossimbólico por várias razões.

Este espaço simboliza a transição para outra vida, o respeito aos que já se foram e a memória dos entes queridos que ali repousam. É um local sagrado onde as pessoas vão render suas últimas homenagens aos falecidos e preservar a memória das gerações passadas.

Além disso, o cemitério da Várzea é um lugar de contemplação sobre a vida e a morte, onde podemos refletir sobre a finitude humana e a importância de valorizarmos nossas relações enquanto estamos vivos. É um espaço de conexão com a espiritualidade e com as nossas próprias crenças sobre o além.

Figura 07: O último adeus a um ente querido no cemitério de Casa Amarela.



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

Dessa forma, o cemitério da Várzea se configura como um território geossimbólico, carregado de significados culturais, sociais e espirituais para a comunidade que o frequenta. É um local de tradição e respeito, onde as pessoas buscam conforto e paz diante da perda de seus entes queridos.

O cemitério de Casa Amarela é um lugar sagrado e simbólico onde os corpos dos falecidos são colocados para descanso eterno. Neste território geossimbólico, as pessoas prestam homenagens aos entes queridos, lembram de suas memórias e buscam conforto espiritual. É um local de respeito e reverência, onde se percebe uma atmosfera de serenidade e contemplação, propícia para refletir sobre a vida e a morte. Para muitas pessoas, o cemitério de Casa Amarela é um local de peregrinação e conexão com o além, representando

a transitoriedade da existência humana e a permanência da memória dos que se foram.

O cemitério da Várzea, em Recife, é antigo e importante na região. Visitantes recorrem à fé para conforto diante de perdas, rezando, acendendo velas e fazendo orações nos túmulos. Acreditam que a fé traz proteção e paz, fazendo oferendas e promessas. A prática religiosa traz conforto e esperança aos visitantes. Dessa forma, destaca-se os principais símbolos existentes na necrópole como: Cruz: símbolo da fé na ressurreição e na vida após a morte. Anjo: símbolo de proteção divina e mensageiro entre os mundos espiritual e terreno. Coração: símbolo do amor e da memória eterna dos entes queridos. Ramo de oliveira: símbolo de paz e tranquilidade na vida após a morte. Lua: símbolo da renovação e do ciclo da vida eterna. Rosa: símbolo da pureza, espiritualidade e lembrança dos que já partiram. Árvore da vida: símbolo da ligação entre o céu e a terra, representando a eternidade e a conexão entre os vivos e os mortos.

1.3. Entre o sagrado e profano: as territorialidades, os geossimbolismos, os usos e contra-usos nos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela

Os cemitérios são espaços que, além de servirem como locais de repouso para os falecidos, também possuem uma profunda territorialidade que reflete aspectos culturais, sociais e históricos de uma comunidade.

Explorar os cemitérios nos permite identificar padrões de organização e hierarquia social, bem como diferentes práticas funerárias e rituais de luto que variam conforme a região e época de estabelecimento. Além disso, os cemitérios frequentemente são locais de memória e patrimônio cultural, onde estão sepultadas figuras importantes da história local.

A territorialidade dos cemitérios também se manifesta na forma como são utilizados pelas comunidades, seja como espaços de reflexão e contemplação, locais de encontro e celebração em ocasiões especiais, ou áreas verdes de lazer e recreação. Alguns cemitérios até servem como locais para eventos culturais, como exposições de arte e concertos musicais.

Dessa forma, explorar a territorialidade dos cemitérios nos possibilita compreender não apenas a maneira como lidamos com a morte e o luto, mas também conhecer melhor a história e a identidade de uma comunidade. É uma oportunidade de refletir sobre nossa própria relação com a vida e a morte, e de homenagear aqueles que nos precederam.

São exemplos de territorialidades de um cemitério: Sepulturas familiares: Algumas famílias têm espaços reservados em cemitérios para sepultar seus entes queridos, criando uma territorialidade que reflete a ligação e o cuidado com os falecidos. Jazigos: Em certos cemitérios, existem jazigos destinados a uma única família, marcados e identificados para assegurar a territorialidade da família sobre o local. Sepulturas adornadas: Frequentemente, famílias decoram as sepulturas de seus entes queridos com flores, objetos pessoais e elementos decorativos, demonstrando a territorialidade familiar e a vontade de manter viva a memória do falecido.

Capelas familiares: Em alguns casos, famílias constroem capelas ou mausoléus para homenagear entes queridos falecidos no cemitério, mantendo os espaços como uma extensão de casa e demonstrando sua territorialidade.

Mausoléus de celebridades: Em cemitérios onde estão sepultadas celebridades ou figuras públicas, observa-se a territorialidade em torno de seus mausoléus. Fãs e admiradores frequentam esses locais para homenagear e manter viva a memória da pessoa falecida.

Os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela, localizados na cidade do Recife, Pernambuco, são espaços que abrigam uma rica diversidade de práticas culturais e simbólicas relacionadas à morte e ao sagrado. Nestes locais, é possível observar a coexistência de elementos sagrados e profanos, bem como a interação entre diferentes territorialidades e geossimbolismos.

As duas necrópoles são espaços de grande importância para as comunidades locais, que utilizam esses locais não apenas como espaços de sepultamento, mas também como espaços de memória e de culto aos seus antepassados. Nestes cemitérios, é possível observar a presença de elementos sagrados, como cruzes, estátuas de santos e oferendas deixadas pelos visitantes.

Além disso, é importante destacar que os cemitérios da Várzea e de Casa Amarela também são espaços de convivência e sociabilidade, onde as pessoas se reúnem para celebrar a vida dos seus entes queridos, compartilhar experiências e estabelecer laços de solidariedade. Nestes locais, é comum a realização de festas e eventos religiosos, como missas e procissões, que fortalecem os laços de pertencimento e identidade das comunidades locais.

No entanto, apesar da importância desses espaços como locais de culto e de memória, também é possível observar a presença de elementos profanos nos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela. Por exemplo, em alguns casos, esses locais também são utilizados para a prática de atividades não relacionadas ao sagrado, como passeios turísticos, práticas esportivas e até mesmo atividades ilegais, como o tráfico de drogas.

Diante desse contexto, é importante refletir sobre as diferentes formas de apropriação e significação dos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela, bem como sobre os usos e contra-usos desses espaços. É necessário promover o respeito e a valorização da diversidade cultural presente nesses locais, garantindo a preservação da memória e da identidade das comunidades locais, ao mesmo tempo em que se busca coibir práticas que desrespeitem a sacralidade desses espaços.

Os cemitérios da Várzea e Casa Amarela têm territorialidades culturais e simbólicas distintas. O cemitério do bairro da Várzea, em Recife, apresenta diferentes territórios tanto dentro quanto fora de suas fronteiras.

Internamente, o cemitério é dividido em áreas com túmulos e sepulturas organizados por critérios como religião, afinidade, classe social ou tempo de sepultamento. Essas divisões criam espaços simbólicos distintos, cada um com suas próprias características e significados.

Externamente, o cemitério da Várzea tem uma territorialidade específica, definida por seus limites físicos e pela relação com o bairro. Torna-se um ponto de referência e memória para a comunidade local, sendo usado como local de encontro, celebração e luto.

Além disso, o cemitério se relaciona com outros espaços da cidade, como igrejas, hospitais e áreas de lazer, criando conexões e interações entre diferentes partes do bairro e da cidade como um todo.

Assim, as territorialidades do espaço cemiterial interno e externo do bairro da Várzea em Recife são complexas e diversas, refletindo as múltiplas relações e significados que o cemitério possui para a comunidade local e para a cidade em geral.

O cemitério da Várzea, localizado na Zona Oeste do Recife, possui uma atmosfera mais tradicional e histórica, com sepulturas antigas e monumentos que remontam ao período colonial. Ele é considerado um espaço de memória e respeito aos antepassados, com grande influência da cultura católica.

Já o cemitério de Casa Amarela, situado na Zona Norte da cidade, tem uma atmosfera mais contemporânea e diversificada. Nele, é possível observar diferentes estilos de sepulturas, desde os tradicionais mausoléus até túmulos mais modernos. Este cemitério reflete a diversidade cultural e étnica da região, com influências de diferentes religiões e tradições.

Ambos os cemitérios são importantes espaços de preservação da memória e patrimônio histórico da cidade, cada um com suas peculiaridades e significados para a comunidade local.

As territorialidades em torno dos cemitérios da Várzea e de Casa Amarela referem-se às diferentes formas como as pessoas se apropriam e atribuem significados a esses espaços. Isso pode incluir questões como quem tem o direito de ser enterrado lá, como as famílias se organizam e mantêm os túmulos, quais práticas e rituais são realizados, e até mesmo como a comunidade local interage com esses cemitérios no dia a dia. Essas formas de territorialidades podem refletir sistemas de crenças, relações de poder, laços de parentesco e muitos outros aspectos culturais e sociais.

Alguns símbolos comuns em cemitérios da Várzea e Casa Amarela podem incluir: Cruz: símbolo cristão comum em cemitérios, representando a fé e a espiritualidade dos falecidos. Anjo: representação de proteção e conexão divina, muitas vezes vista em lápides e monumentos funerários. Lápide: símbolo que representa a memória e a homenagem aos falecidos, geralmente gravada com seus nomes e datas de nascimento e falecimento. Flores: representação da vida, beleza e fragilidade, frequentemente colocadas como homenagem aos mortos em túmulos e sepulturas. Corações: símbolo de amor e saudade, muitas vezes presentes em decorações de túmulos e sepulturas. Velas: representam a luz, a esperança e a memória dos falecidos, comuns em cerimônias religiosas e visitas aos cemitérios.

Estes são apenas alguns exemplos de símbolos encontrados em cemitérios da Várzea e Casa Amarela, que expressam diferentes significados e emoções relacionados à morte e à lembrança dos entes queridos.

No caso do cemitério de Casa Amarela, esses geossímbolos podem incluir elementos como arquitetura dos túmulos, tipos de sepulturas, símbolos religiosos presentes, a disposição dos espaços, entre outros. Esses elementos muitas vezes carregam significados culturais, religiosos e sociais importantes para as pessoas que frequentam ou vivem próximas ao cemitério.

Os cemitérios da Várzea e Casa Amarela são usados principalmente para sepultar os corpos dos falecidos, servindo como local de descanso final para os entes queridos.

Além disso, esses cemitérios também são utilizados para realizar cerimônias fúnebres, como velórios e enterros, e para visitar os túmulos por parte de familiares e amigos. Alguns símbolos comuns encontrados no Cemitério da Várzea incluem: Cruz: Representa a fé cristã e a memória do falecido. Anjo: Simboliza a proteção divina e a presença de um mensageiro celestial. Coroa: Representa a realeza, a glória e a imortalidade. Escudo: Simboliza proteção divina e força contra o mal. Âncora: Representa esperança e fé na ressurreição e vida eterna. Lua crescente: Simboliza a vida após a morte e a renovação espiritual. Espada: Simboliza coragem, bravura e luta contra o mal. Coração partido: Representa a tristeza e a perda de um ente querido. Pomba: Representa o Espírito Santo e a paz eterna. Estes são alguns dos símbolos mais comuns encontrados em cemitérios, incluindo o Cemitério da Várzea. Cada um deles possui um significado relacionado à vida e à morte, e serve como uma forma de homenagear e lembrar aqueles que partiram.

Por outro lado, é importante observar alguns usos inadequados dos cemitérios, como vandalismo e depredação dos túmulos, perturbação da paz do local com barulho e bagunça, e realização de atividades não autorizadas, como acampamentos e festas.

Alguns contra-usos são mais comuns em algumas necrópoles como: Realizar atividades ilegais, como consumir drogas ou praticar vandalismo; usar os túmulos como pontos de encontro ou festas, desrespeitando a memória dos mortos; praticar violência ou agressão contra outras pessoas dentro do cemitério; descartar lixo de forma inadequada, prejudicando o meio ambiente e

desrespeitando os falecidos invadir túmulos ou violar sepulturas, causando angústia às famílias dos mortos; realizar sessões de espiritismo ou rituais de magia negra no local, desrespeitando as crenças religiosas dos mortos e seus familiares; cometer atos de sacrilégio ou profanação, como pichações nos túmulos ou danos às lápides; usar indevidamente espaços sagrados, como banheiros públicos ou locais para atividades sexuais; transformar o cemitério em local para o comércio ilegal de objetos roubados ou contrabandeados; praticar caça ou pesca nas áreas próximas ao cemitério, perturbando a paz e tranquilidade do local além de prestação de serviços de forma irregular.

Figura 08: Moradores locais oferecendo serviços de limpeza e pintura dos túmulos no Cemitério da Várzea.



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

É essencial que os cemitérios sejam tratados com respeito e dignidade, garantindo que os falecidos descansem em paz e que seus familiares possam visitá-los sem interferências negativas. Além dos problemas estruturais observados no interior das necrópoles da Várzea e Casa Amarela, também se destaca as irregularidades nos entornos das mesmas como; Acúmulo de lixo e resíduos sólidos nos arredores dos cemitérios; presença de vendedores

ambulantes ilegais comercializando produtos próximos aos portões do cemitério; obras irregulares ou construções não autorizadas nas proximidades do cemitério; presença de animais abandonados ou soltos na área; falta de manutenção nas calçadas e vias de acesso ao cemitério; descarte irregular de entulho e materiais de construção próximo ao cemitério; presença de pessoas em situação de rua ou consumindo drogas nas proximidades do cemitério; peregrinação de vendedores ambulantes ou religiosos em áreas próximas ao cemitério; falta de iluminação adequada nos arredores do cemitério; vandalismo e pichações nos muros e portões do cemitério.

Figura 09: Vendedores ambulantes na entrada e entorno do cemitério de Casa Amarela



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

Figura 10: Registro da presença de animais na necrópole de Casa Amarela.



Fonte: Arquivo do autor, outubro de 2023.

Por outro lado, é necessário ter uma perspectiva crítica em relação a laicidade dos cemitérios. A laicidade é um princípio fundamental que garante a separação entre o Estado e as esferas religiosas, assegurando que as atividades governamentais e as políticas públicas respeitem a diversidade de crenças presentes em uma sociedade. No entanto, quando analisamos a administração e a organização dos cemitérios, tornam-se evidentes os desafios e contradições que cercam a prática da laicidade nesse espaço.

Em primeiro lugar, é importante considerar que muitos cemitérios, especialmente em países com tradições cristãs predominantes, são geridos de maneira que privilegiam rituais e símbolos religiosos específicos, como cruzes e sepulturas dispostas em conformidade com a doutrina cristã. Segundo a pesquisadora Maria Helena de C. L. Freitas, em seu estudo "Cemitérios e a Questão da Laicidade" (2018), a configuração tradicional dos cemitérios pode ser um obstáculo à plena expressão de outras religiões, que podem não encontrar espaços adequados para honrar seus mortos conforme suas práticas culturais.

Além disso, a manutenção de rituais religiosos em cerimônias de sepultamento e a presença de lideranças religiosas, comumente aceitos como parte do processo de luto, sinaliza uma resistência à secularização desses espaços. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por exemplo,

expressa em diversas publicações a importância da "última homenagem" por meio de rituais cristãos, reforçando a ideia de que os cemitérios devem ser, em essência, locais de fé e não apenas de descanso final. Isso levanta a questão: até que ponto cemitérios, geridos majoritariamente por instituições religiosas, conseguem respeitar e acolher a diversidade espiritual da sociedade?

Outro aspecto a ser considerado é a legislação que rege os cemitérios. Em muitos lugares, as normas que regem esses espaços são ainda salvos por códigos e regulamentos comunais que têm raízes em práticas religiosas. Isso se opõe ao princípio da laicidade, que preconiza que normas e regulamentos devem ser elaborados com base em valores universais, respeitando todas as crenças. O artigo 19 da Constituição Brasileira é claro ao afirmar que é dever do Estado assegurar a livre expressão da religião, o que implica em garantir que os cemitérios sejam espaço neutro, sem favorecer uma crença em detrimento de outras.

Por fim, é fundamental refletir sobre a perspectiva da diversidade cultural e religiosa crescente que caracteriza a sociedade contemporânea. O Brasil, por exemplo, é um país plural, que abriga uma infinidade de crenças e práticas espirituais. Nesse sentido, a criação de cemitérios que se adequem a essa diversidade é essencial para a promoção de um espaço verdadeiramente laico. Cemitérios que promovem a inclusão de práticas funerárias variadas, respeitando as particularidades de cada grupo, podem ser vistos como um avanço significativo na construção de um Estado laico.

Em conclusão, a laicidade dos cemitérios é um tema que merece ser debatido com a devida atenção, pois envolve questões de diversidade, respeito e cidadania. A segregação de práticas religiosas e a imposição de normas que não acolhem a pluralidade de crenças vão de encontro ao princípio da laicidade que deve reger o espaço público. Assim, é preciso que as administrações e a sociedade em geral atentem para a necessidade de promover um espaço funerário que reverencie todos os mortos, independentemente de suas crenças ou culturas, reafirmando o compromisso com a laicidade em um Estado democrático e plural.

CAPÍTULO II

TERRITORIALIDADES E GEOSIMBOLISMOS NO CEMITÉRIO DA VÁRZEA: MORTE E VIDA NA ZONA OESTE DO RECIFE

2.1. Escavando memórias: a construção do território fúnebre da Várzea na Zona Oeste da cidade do Recife

O bairro da Várzea se encontra localizado no limite oeste da cidade do Recife, na divisa com o município de Camaragibe.¹ Drenado pelo rio Capibaribe, o bairro apresenta uma função residencial, ainda que possua em sua estrutura uma praça central, um casario secular, uma feira livre, um comércio local e um conjunto de edificações católicas - igrejas, colégios, seminários e uma cúria administrada pela Arquidiocese de Olinda e do Recife. Mais afastados do núcleo, estão um cemitério (que será aqui analisado), um complexo industrial e uma série de museus-castelos e oficina de arte situados nas propriedades da família Brennand, que contrastam com a realidade pobre de comunidades circunvizinhas.² De modo geral, o bairro se singulariza por uma paisagem secular, por tufos de mata à beira do Capibaribe e por uma rede de relações sociais mais amiúdes, aqui e acolá, interceptada por dissonâncias socioespaciais.

A história de ocupação do bairro remonta à primeira metade do século XVI, com a instalação de engenhos de açúcar na “Várzea do Capibaribe” a serviço do poder colonial em Pernambuco. Em 1630, dezesseis (16) moinhos ou engenhos estavam com o fogo ativo às margens do Capibaribe, que paulatinamente foram se constituindo em prósperos povoados, como a Várzea que foi elevada à condição de freguesia neste contexto sob a invocação de

¹ O bairro da Várzea integra a Região Político-Administrativa 4 – RPA4, zona oeste da cidade do Recife. Possui uma área de 2.225 (hectares)² e uma população de 70.453 habitantes (IBGE/2010). Trata-se do segundo bairro mais extenso e mais populoso da capital pernambucana.

² A família Brennand chegou à Várzea no final do século XIX, erguendo usinas em terras de engenho. Expandiu os negócios a partir de 1950, atuando nas áreas industriais de cerâmica, porcelana, cimento e vidro. Por décadas, o comando do grupo ficou por conta dos primos Ricardo e Cornélio Brennand, enquanto o artista Francisco Brennand construía seu atelier cerâmico nas ruínas de uma olaria do antigo Engenho São Cosme e Damião. Em 1999, Ricardo e Cornélio negociaram parte de suas fábricas, pondo fim à sociedade. A partir daí os negócios dos primos se diversificaram, com investimentos nos setores de energia e imobiliário. In: <https://www.istoedinheiro.com.br/um-bilionario-alem-do-nordeste/> (Acesso em 28 de janeiro de 2019). Na Várzea, a família possui um amplo território, metade do espaço político-administrativo do bairro - mais de 1.000 (hectares)². As propriedades situam-se às margens do Capibaribe. Na margem esquerda, localiza-se o atelier de Francisco circundado por um resquício de Mata Atlântica. Na margem direita, as unidades industriais de Cornélio, e os museus em formato de “castelos medievais” do Ricardo Brennand.

Nossa Senhora do Rosário, padroeira de sua capela. Entre 1630 e 1654, Pernambuco estava sob o domínio holandês, com a Várzea servindo de foco de resistência aos insurrectos quando ocorreu a Ressureição Pernambucana. Em 1746, a freguesia contava com 2.998 habitantes, 18 capelas e 11 engenhos moentes (COSTA, 2001). No século XIX, com o declínio do açúcar e afrouxo da escravidão, parte das terras dos seus engenhos foram loteadas em sítios frutíferos, constituindo a formação do arrabalde, cada vez mais concorrido com a chegada do trem a vapor, a “maxambomba”, ainda na década de 1860, que facilitou a ligação da Várzea aos bairros centrais do Recife.

Durante o século XIX, o arrabalde presenciou uma série de transformações políticas, econômicas, sociais e culturais em curso no Recife, caracterizada, entre outros aspectos, pela expansão da cidade e melhor adequação dos seus espaços, inclusive os de saúde pública, como asilos, hospitais, matadouros e cemitérios que deveriam atender aos preceitos higienistas em voga, centrados em suas ações profiláticas. Na época, havia dois cemitérios com essas características, o Cemitério Público de Santo Amaro, de 1851, e o Cemitério dos Ingleses, de 1814, ambos situados nas Salinas de Santo Amaro, nos arredores do núcleo urbano (bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista). No decênio de 1860, contudo, com a modernização e aumento da população, houve a necessidade de se construir mais cemitérios, desta vez nos arrabaldes mais à oeste da cidade, em Tejipló, no Barro e na Várzea. As razões desta escolha pelo governo provincial se assentavam na localização das povoações, de menor risco à saúde pública frente aos “miasmas da putrefação”, e na própria premência dos arrabaldes, cujas igrejas não mais comportavam sepultamentos, passando a serem realizados nas necrópoles administradas pelas mesmas paróquias.³

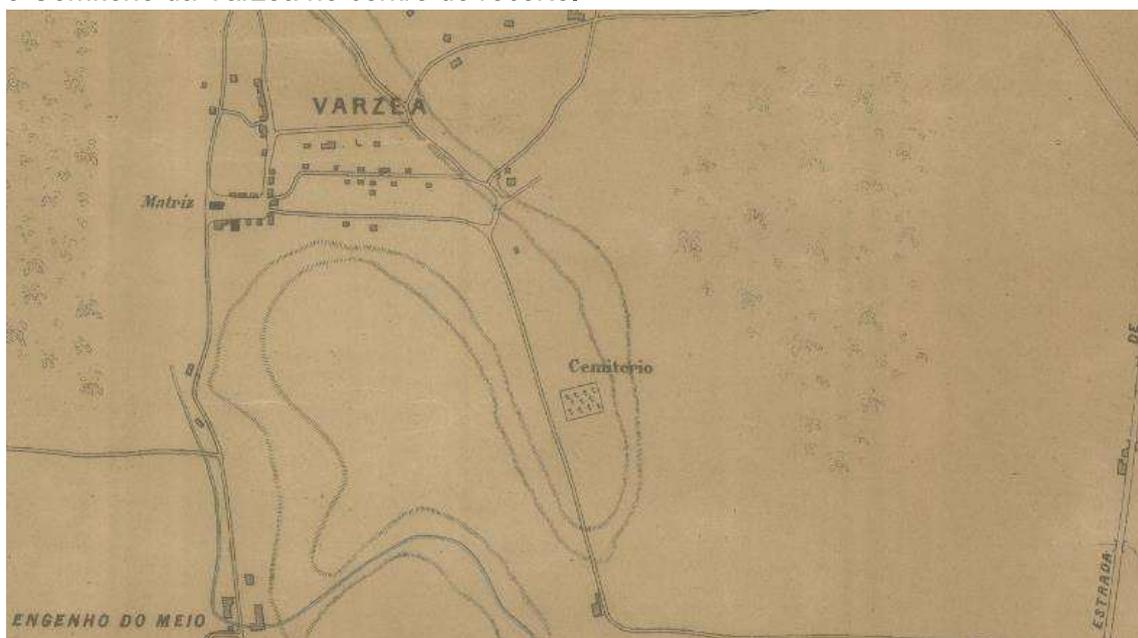
O Cemitério Público da Paróquia da Várzea foi construído nas cercanias do povoado, em 1867, sob os padrões higienistas da época, ficando sob a co-

³ A relação entre a Igreja e os cemitérios construídos no Recife oitocentista, e as políticas públicas adotadas nesta centúria sobre os enterros na cidade, constituem-se objetivos centrais do estudo desenvolvido por Sial (2005): SIAL, V. V. de C. **Das igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. 330f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2005.

tutela da Igreja Matriz de Nossa Senhora do Rosário, que também passou por ampla reforma neste período, entre os anos de 1868 e 1872 (COSTA, 2001; GUERRA, 1970). Na Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes, de 1876, há o registro do cemitério nos arredores da Várzea e de sua igreja-matriz. Nota-se no pormenor da planta (Figura 11), o isolamento da necrópole em meio aos núcleos da Várzea e Engenho do Meio, afóra de outras povoações às margens da Estrada de Caxangá (à direita da imagem).

Entre as metades sequenciais dos séculos XIX e XX, o Brasil assistiu um período denso de eventos e transformações no seu território, como o fim da Escravidão, o início da República (seguido pelo advento do Estado Novo décadas depois), o aumento crescente da população e a urbanização de cidades motivadas pela industrialização e modernização. O Recife acompanhou o ritmo dessas transformações, com seu espaço urbano expandindo, ora por um crescimento natural, ora pela chegada de migrantes pobres do interior nordestino. A capital pernambucana “inchava-se”, possuindo mais de meio milhão de habitantes na década de 1950, com os arrabaldes assumindo a condição de bairros imersos na cidade.

Figura 11: Pormenor da *Planta da Cidade do Recife e seus Arrabaldes*, de 1876, com o Cemitério da Várzea no centro do recorte.



Fonte: Acervo da Fundação Biblioteca Nacional. In: http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/di_v_cartografia/cart529229/index.htm . Acesso em janeiro de 2019.

À luz deste contexto, entre as décadas de 1940-60, a Várzea assistiu à instalação de indústrias no seu espaço, sobressaindo as unidades da família Brennand. Também houve a apropriação de parte de seu território para a edificação da Cidade Universitária (o campus da Universidade Federal de Pernambuco), em 1948, nas redondezas do Cemitério da Várzea. A própria necrópole passou por uma reforma, em 1953, dado ao crescimento do bairro e adjacências, que envolveu a ampliação de sua estrutura e melhoria de suas instalações. As mudanças estavam subjacentes ao processo de modernização dos bairros do Recife, que igualmente contou com a construção de edifícios modernos e mercados públicos, afora a eletrificação, saneamento e calçamento de ruas.⁴

Entre as décadas de 1970-90, com a metropolização do Recife houve o aumento significativo da população, engendrando a construção de conjuntos habitacionais na cidade, sobretudo nos bairros mais afastados, como a Várzea, prática que se estendeu aos decênios seguintes. No bojo deste processo, o bairro também começou a presenciar a chegada de uma população pobre aos seus espaços mais ociosos, suscitando a origem de comunidades, (Rosa Selvagem, Vila Arraes, Sítio Wanderley...), inclusive junto ao seu cemitério (Brasilit e Campo do Banco), conforme observar-se-á mais adiante. Paulatinamente, o outrora isolado Cemitério da Várzea passou a ser um espaço encravado no tecido do bairro, com múltiplas construções o circundando: campus da UFPE, comunidades pobres, fábricas, residências, edifícios de três a cinco andares, entre outros.

Na ordem do dia, o cemitério se assemelha a uma “cidade”, com ruas, lotes, quadras e cruzamentos (Figura 12). Há espaços para administração da necrópole e para a realização de velórios, além de moradias diversas para os mortos – gavetas, mausoléus, sepulturas ossuários e túmulos. As árvores, o chão de paralelepípedos, a terra batida, e o mato (quase sempre alto), compõem

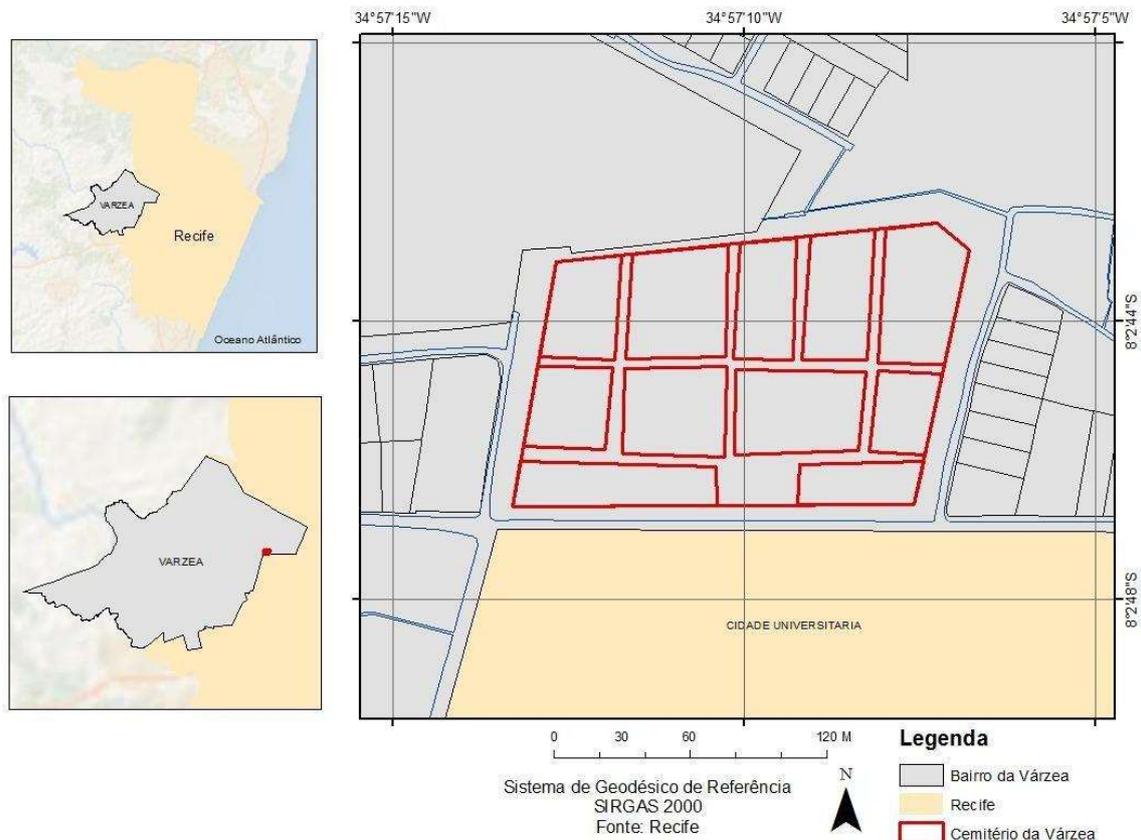
⁴ A relação entre a Igreja e os cemitérios construídos no Recife oitocentista, e as políticas públicas adotadas nesta centúria sobre os enterros na cidade, constituem-se os objetivos centrais do estudo desenvolvido por Sial (2005): SIAL, V. V. de C. **Das igrejas ao cemitério: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX**. 2005. 330f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.

a paisagem fúnebre, que se encontra ainda imersa por outros símbolos reveladores de uma variedade de sentidos e significados do universo cristão, como crucifixos, artes lúgubres e epitáfios gravados em lápides de cimento, granito e mármore, que externam um imaginário de memórias, poemas e notas bíblicas. Em cada recanto, avista-se um cabedal de formas minúsculas, mas de imenso valor simbólico, envolvendo uma hierofania em velas, peças sacras, fotografias, vasos, coroas de flores, taças de matrimônio e objetos da cultura futebolística, que reafirmam as identidades em vida e as manifestações do sagrado na morte.

2.2 Geossimbolismos, usos e territorialidades no território sagrado e profano da Várzea

O cemitério configura-se um território sagrado, “um campo de forças e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência” (ROSENDAHL, 2002, p. 30). Nesta sacralização, as práticas mais presentes na necrópole da Várzea são de caráter cristão, influência direta do Catolicismo Romano no mundo ocidental, onde “os bairros geralmente coincidiram com as paróquias, e foi, a partir das capelas e igrejas que foram sendo configuradas as modalidades da vida de bairro” (SEABRA, 2000, p. 12). E não apenas as modalidades religiosas (missa, batismo, casamento, procissão, primeira-eucaristia e extrema-unção), e sim também, as de sentido civil e político praticadas por grupos e associações que se organizavam junto ao aparato eclesiástico.

Figura 12: Localização do Cemitério da Várzea na cidade do Recife.



Fonte: Sistema de Geodésico de Referência – SIRGAS 2000 / Recife.

O maior mausoléu do cemitério pertence à Paróquia Nossa Senhora do Rosário da Várzea, que possui a co-tutela da necrópole desde sua abertura ainda no século XIX. Trata-se da última morada de clérigos, um monumento a perpetuar a relevância da Igreja, seu *status quo* e símbolo de poder no bairro. Conforme observado, antes da abertura do cemitério, os religiosos e moradores da Várzea eram enterrados no interior, lateral e fundo das igrejas do bairro (do Rosário e do Livramento). Na Igreja Matriz também se encontra sepultado Felipe Camarão, um dos líderes da Ressureição Pernambucana, além de outros combatentes “catacumbados” sob a sacristia (SOBRINHO, 2012).

A despeito do predomínio cristão, no cemitério público e laico da Várzea também se avista práticas de outras comunidades religiosas. Dentro de um sincretismo afro-católico, o povo de santo ritualiza o cruzeiro das almas e sepulturas da necrópole. Foram avistados despachos expostos em velas de cores variadas, em garrafas de bebidas alcoólicas e em prato de barro com comida (agdá). Também se presenciou “plantas sagradas” de origem africana circundando os túmulos, como as populares “Comigo Ninguém Pode” e “Espada de São Jorge”. As plantas possuem a função de zelar espiritualmente o espaço do morto (Figura 13). A existência destes objetos físico-imateriais confirma a condição geossimbólica do cemitério, onde tudo nele contido, possui uma identidade para os indivíduos e grupos sociais que o frequentam.

Na concepção de Bonnemaïson, “um geossímbolo pode ser definido como um lugar, um itinerário, uma extensão, que por razões religiosas, políticas ou culturais, aos olhos de certas pessoas e grupos étnicos, assume uma dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (BONNEMAISON, 2012, p. 292). Como espaço público, o cemitério da Várzea assume essa condição geossimbólica, mas não como um território de certo grupo social, e sim de variados grupos religiosos, além de certos indivíduos desprovidos de crenças, mas que ainda assim, possuem algum interesse pelo “mundo sobrenatural”. Talvez o cemitério público no Brasil, seja um dos espaços que reúna de forma mais democrática a diversidade cultural do país, malgrado os limites entre os territórios e práticas simbólicas dos grupos, que também encontram certas restrições frente às normas de uso do campo fúnebre.

Figura 13: Objetos lúgubres e práticas simbólicas em túmulos no Cemitério da Várzea – imagem da cultura futebolística, taças, vasos, despachos, plantas sagradas, o cruzeiro cristão, flores e objetos sacros.



Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

Se há restrições sobre algumas ações, há também uma maior flexibilidade para outras. O cemitério é um território sagrado de querência, lar de nossos antepassados, mas também espaço de temor e repulsa. Muitas vezes o poder público corrobora com esse imaginário do medo, em razão do descaso, negligência e descumprimento com as regras de funcionamento do espaço dos mortos. Por se situar nos confins do Recife, o Cemitério da Várzea parece ser

um endereço mais evidente deste descaso de ordem pública. Uma série de irregularidades foram observadas, a começar pelo limite territorial, onde há moradias erguidas sobre os muros da necrópole, um risco imediato à saúde das famílias ali residentes.

Se no passado o cemitério se encontrava afastado do núcleo do arrabalde, hoje se mostra encravado no tecido do bairro, imerso no desarranjo espacial da metrópole pernambucana. Há casas de autoconstrução das comunidades do Campo do Banco e da Brasilit erguidas sobre as paredes laterais e de fundo do cemitério. Os alicerces das casas correspondem aos muros dos mortos. No muro leste, sobre três pisos de gavetas mortuárias, há os pisos superiores de casas (Figura 14). No muro oeste, há sepulturas, túmulos e covas conjugadas à parede, que também serve de alicerce para outras residências de até dois pavimentos. Embora estejam fisicamente ligados, cerca de trinta (30) moradias dão as costas ao campo dos mortos, revelando uma paisagem de “fronteira”, de disputa territorial entre os espaços dos vivos e dos mortos.

Figura 14: Casas sobre o muro de gavetas do Cemitério da Várzea. A negação ao território dos mortos no bairro.



Fonte: Arquivo dos autores, outubro de 2018.

A negação ao território fúnebre evidencia paradoxos na vida do bairro. Ao mesmo tempo que os moradores tecem relações amiúdes com a necrópole, também externam rejeições e medo, seja por questões religiosas ou “sobrenaturais”, seja por motivos de ordem médico-sanitária, ou por ambos os motivos. Apenas uma casa possui a varanda voltada ao cemitério (Figura 15). As outras estão de costas, “vedadas”, revelando algumas poucas aberturas - fendas, cobogós e pequenas janelas. Prefere-se uma mínima circulação de ar e iluminação natural, ao ter que se deparar com o campo sepulcral, e, por conseguinte, com seus mitos, “assombrações”, tristezas fúnebres e riscos de contaminação. O cenário evitado faz jus, assim, às “paisagens do medo”, de Tuan (2005), um recorte “topofóbico” do bairro e da cidade em si.

Figura 15: Única residência com varanda voltada para a necrópole (casas erguidas no muro oeste).



Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

Se as paredes laterais afloram um sentimento de rejeição, a entrada do cemitério se mostra mais entrosada com o bairro e com a memória coletiva do espaço. Nota-se no portão principal, na calçada e no estacionamento, um fluxo maior de pessoas, afora alguns detalhes que remetem à memória do cemitério, como o ano de sua reforma, em 1953, fixado no muro frontal (Figura 16). Na Avenida Professor Arthur de Sá, há uma atividade frequente de ambulantes na

entrada da necrópole, usos profanos do território sagrado, voltadas ao comércio de velas, flores, peças sacras, comida, água, bebidas alcoólicas, entre outros (Figura 17). As atividades informais se tornam mais intensas nos fins de semana e no feriado de Finados, a cada 02 de novembro, onde presencia-se um fluxo maior de visitantes ao cemitério, tanto dos moradores da Várzea, como dos bairros e comunidades adjacentes (Engenho do Meio, Cordeiro, Caxangá, Torrões, entre outros).

Figura 16: Portão e muro com a data de reforma do Cemitério da Várzea (10/09/1953).



Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2019.

Outros eventos também regem essa atração ao cemitério, e assim, ao imaginário da morte, como o velório e sepultamento de personalidades do bairro e/ou da cidade. Um exemplo recente foi o enterro do “Príncipe do Brega” Lenilson Braga, figura popular no meio artístico recifense, falecido em 31 de outubro de 2017. No dia do funeral, o Cemitério da Várzea ficou em alvoroço devido a morte do cantor, que tinha forte vínculo com o bairro. Em cortejo até à necrópole, fãs e amigos deram adeus ao cantor da “cena cultural varzeana”. No bairro, “ele sempre promovia grandes encontro de artistas, onde todos tinham direito de mostrar suas composições e qualidades musicais”, recorda o cientista

social e vocalista da banda N'zambi, George Souza.⁵ O cantor, portanto, era um sujeito carismático, promotor de sociabilidades na escala do bairro, que conceitualmente se define por uma identidade própria e por experiências compartilhadas entre parentes, amigos e conhecidos (SOUZA, 2013; SCARLATO, 1988), inclusive na hora da morte, como no caso da Várzea.

Figura 17: Dia de Finados no Cemitério da Várzea e o comércio informal no entorno da necrópole.



Fonte: Arquivo dos autores, novembro de 2018.

O vínculo do cemitério com a vida do bairro também ocorre com antigos moradores. Mesmo morando em outros lugares, ex-moradores guardam na memória lembranças vividas na Várzea, chegando a externar um desejo de retorno, mesmo que apenas na hora do sepultamento. A vontade de permanecer “eternamente” na Várzea igualmente emana nos depoimentos daqueles que moram nas “casas sobre gavetas”. Morador do Beco do Poloni, José Luiz, 72 anos, relatou: “vou morrer e quero ser enterrado neste cemitério, aqui do meu bairro”. Maria Antônia, de 83 anos, também deixou clara essa vontade: “daqui a

⁵ Vide a respeito em: <https://poraqui.com/varzea/bairro-da-varzea-se-despede-de-lenilson-braga-o-principe-do-brega/> Acesso em 12 de outubro de 2018.

pouco estarei aí, do outro lado (do muro). Quero ficar aqui mesmo!”. Mesmo dando as costas para o cemitério, por uma série de razões, a vontade de ser enterrado no território fúnebre vizinho fica evidente, revelando de algum modo um vínculo com a Várzea, para além da comodidade de ser sepultado ao lado de casa.

O querer estar próximo aos amigos, vizinhos e parentes mesmo quando da morte, pode ser apreendido como um sentimento de “bairrofilia”, como descreve Souza (1989), marcado por uma afeição e filiação ao bairro de moradia, malgrado a complexidade das relações envolvendo a morte e a vida na Várzea. A ligação do bairro também pode ser observada nos epitáfios gravados em túmulos, como “aqui jaz um filho da Várzea”, ou nos mausoléus, que demarcam territórios “perpétuos” de famílias e grupos religiosos no cemitério, alguns até seculares, como o já citado mausoléu da paróquia. Há também outras referências sobre a vida dos mortos, que de alguma maneira também revelam seus vínculos espaciais e impressões pessoais, como parentesco, identidade futebolística (o “time de coração”), sexo, idade, profissão, lugar de trabalho, grupo cultural (bloco de carnaval), datas de nascimento e de falecimento, entre outros.

São marcas gravadas num território dotado de características singulares, um espaço de reflexão e silêncio, poucas vezes interrompido, ora por choros e lamentos, ora pelo maior agito no Dia de Finados ou no enterro de alguma “celebridade”. No silêncio quase inquebrantável da necrópole, as pessoas se conectam a um imaginário espiritual, cultuando os antepassados em distintos credos e religiões. Nestes transes acendem-se velas sobre os granitos e mármore, colocam-se flores e adornos, e realizam a limpeza e pintura dos túmulos em homenagem à memória e aos espíritos dos entes queridos. Aqui e acolá, visualiza-se essas práticas no sepulcro varzeano, semiografado por túmulos, gavetas, oferendas rituais, lugares de oração e descanso, entre outros.

2.3 Contra-usos no território sepulcral da Várzea: o desarranjo urbano-ambiental do cemitério no bairro

Contudo, também há casos de contra-usos profanos no interior e entorno do espaço sagrado, transgredindo as práticas mais usuais do território fúnebre. No Cemitério da Várzea foi possível avistar consumo de drogas ilícitas (maconha e crack) por jovens do bairro nos espaços mais recuados. Observou-se igualmente a presença de menores de idade na necrópole, comercializando mercadorias diversas, quando não oferecendo serviços de limpeza, capinação e pintura de túmulos, em especial nos dias de maior fluxo, como nos fins de semana e no Feriado de Finados. Além da ilegalidade do trabalho, o ambiente insalubre do cemitério configura-se uma ameaça à saúde dos jovens, pouco conscientizados sobre os perigos de contágio com os túmulos, covas e restos mortais. Os mesmos realizam o trabalho ilegal desprovidos de qualquer equipamento de segurança, como luvas, máscaras, óculos, botas e chapéus, estando expostos horas e horas aos microrganismos do cemitério.

Situação semelhante ocorre com os funcionários, cujos trajes e instrumentos de trabalho se mostram inadequados à função insalubre. Os próprios coveiros tratam com desleixo o campo fúnebre. Quando não descansam sobre os túmulos, não capinam as áreas expostas, não retiram os monturos de lixo e muitas vezes deixam as covas abertas e até ossadas expostas junto às paredes laterais do cemitério, onde há casas construídas sobre as mesmas (Figuras 18 e 19). Dada a situação, o solo do cemitério pode representar um risco à saúde pública, em especial aos que residem junto à necrópole, alvos de maior contato com gases da putrefação e também da água de poços da redondeza, decerto contaminada por necrochorume.⁶

De acordo com estudo de Pacheco (2000), a decomposição de cadáveres se acelera nos períodos de chuva. Os microrganismos se proliferam, podendo contaminar ainda mais o lençol freático, sobretudo em situações de descaso

⁶ A respeito do processo de contaminação de águas subterrâneas em áreas de existência de cemitério, vide o estudo: CAMPOS, A. P. S. **Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial**. 124f. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, USP, São Paulo, 2007.

público. Nestes casos, as doenças que podem se proliferar vão desde o tétano, tuberculose, febre tifoide, até o vírus da hepatite A. Ainda há as doenças transmitidas pela água parada, represada nos monturos, que podem levar à proliferação do mosquito *Aedes Aegypti*, causador de epidemias e doenças congênitas no Brasil, transmissor da Dengue, Chikungunya e Zica.

Figura 18: Funcionário do Cemitério da Várzea descansando sobre um túmulo.



Fonte: Arquivo dos autores, janeiro de 2018.

Os resíduos sólidos produzidos, como restos de caixões, flores e objetos pessoais dos mortos são descartados como lixo comum, representando um perigo de contaminação (Figura 19). Moradores se queixaram da presença de escorpiões, mosquitos e baratas em suas residências, consequência do descarte irregular do lixo no campo dos mortos. Os mesmos utilizam repelentes nos corpos e vedam com óleo queimado as casas, procurando evitar a entrada dos insetos. Também reclamaram dos odores exalados na necrópole, do seu lixo exposto e do seu esgoto sanitário obstruído.⁷

⁷ Conforme relatado pelo morador José Luiz, aqui já citado, e pelo morador João Félix, residente há 62 anos no bairro da Várzea, na Rua Poloni, onde possui um comércio em meio ao beco

Consequentemente, o medo entre os vizinhos do cemitério não existe somente no campo simbólico do “além” (o imaginário da morte), mas também no campo físico-material de uma ameaça real à suas vidas. São os paradoxos existentes nas relações entre os moradores e o cemitério, que acabam justificando a análise do mesmo como um “nanoterritório” (SOUZA, 2013) repleto de múltiplas contradições socioespaciais. O microcosmo da necrópole se encontra imerso em problemas sanitários-ambientais, em usos e contra-usos, em disputas territoriais e em geossímbolos materiais e imateriais, que acabam por revelar um cenário de degradações, apropriações e significados múltiplos no interior e entorno do território dos mortos.

Figura 19: Fragmentos de ossadas expostas no Cemitério da Várzea.



Fonte: Arquivo dos autores, março de 2018.

A apreensão do Cemitério da Várzea, portanto, centrou-se na concepção de território em suas diversas dimensões, na multiplicidade de suas manifestações e poderes, e nos múltiplos sujeitos envolvidos, desde o poder mais “tradicional” restrito ao Estado e grupos hegemônicos, ao de dimensão mais simbólica, de resistência de grupos subalternizados (HAESBAERT, 2011). Dessa

paralelo ao muro do cemitério. Entrevistas concedidas entre 12 e 13 de outubro de 2018, respectivamente.

maneira, pensou-se a necrópole como um espaço de poder do Estado e de seus descasos públicos, mas também como um território dos moradores da Várzea em suas dimensões físico-imateriais, onde os mesmos constroem experiências numa escala imediata da vida, a escala do bairro, que envolve vizinhos, parentes e conhecidos, estando vivos ou mortos.

CAPÍTULO III

**NO CENTRO DO BAIRRO: ANALISANDO O TERRITÓRIO
SEPULCRAL DE CASA AMARELA EM SUAS
TERRITORIALIDADES – ZONA NOROESTE DO RECIFE**

3.1. Nos meandros da memória: a gênese do campo santo de Casa Amarela na formação territorial do Recife

Casa Amarela é um dos maiores e mais populosos bairros do Recife. Localiza-se na região norte da cidade. Famoso pelo seu mercado popular, feira-livre, forte comércio e vibrante presença de gente nas ruas durante todo o dia. A povoação do bairro apareceu ao redor do Arraial Velho do Bom Jesus, depois da ocupação holandesa em Pernambuco. O nome é bem antigo, assim como a história do nome. Antigamente no bairro existia o final de uma das linhas de bonde do Recife, e acabava exatamente em um sítio, que tinha uma casa, de propriedade do português Joaquim dos Santos Oliveira, que para ali se mudara a conselho médico, para tratamento da tuberculose que o acometera.

Curando-se da doença, o proprietário mandou pintar a casa de ocre (argila colorida de cor amarelada acastanhada), e assim foi ficando conhecido o final da linha do bonde, Casa Amarela, surgindo, dessa forma, o nome do bairro. A casa hoje é a farmácia Preço Certo, na esquina da rua Padre Lemos com a Estrada do Arraial, em frente ao Mercado Público de Casa Amarela. Mas, ao longo do tempo, teve diversos usos. Curiosamente, mantém a cor amarela tradicional. Já foi considerado o bairro mais populoso do Recife, desmembrado da freguesia do Poço da Panela. Dele faziam parte os bairros do Morro da Conceição, Vasco da Gama, Nova Descoberta, Tamarineira, Macaxeira, Mangabeira e Alto José do Pinho.

No bairro chama atenção o mercado Público, inaugurado em novembro de 1930 ele é um dos mais antigos e simbólicos da cidade. As estruturas de sua construção foram trazidas de bonde pela empresa Borrione, em 1928. Presume-se que o terreno onde o mercado foi erguido tenha sido doado pelo proprietário, senhor Allain Teixeira, naquele mesmo ano. A área originalmente construída é de 817 metros quadrados. Abriga 100 boxes.

Os bares e restaurantes populares, localizados na parte externa do mercado, são as principais atrações. Alguns deles não fecham, alegrando os boêmios. Servem comida regional no café da manhã, almoço e jantar, e são

frequentados por motoristas de táxis e comerciantes do próprio mercado, dos anexos e da feira vizinha.

Na parte interna, há pontos tradicionais de vendas de charque e queijo de coalho diretamente do sertão. Mas a oferta de produtos no mercado é diversificada: há carnes e frios, peixes e crustáceos, armarinhos, ervas, flores e artesanato em palha e barro.

O Anexo I foi construído em terreno público e inaugurado em abril de 1982. No local funcionava um sanitário público e parte da Feira de Casa Amarela. A área construída, de 640 metros quadrados, abriga 34 boxes, ocupados basicamente por bares.

Inicialmente, ali se instalaram os locatários desalojados do Mercado Público. Ocuparam compartimentos adaptados às paredes das fachadas principal e posterior. Com a construção do anexo, eles foram transferidos e os compartimentos demolidos, e o velho mercado resgatou sua arquitetura original.

Há, ainda, o Anexo II-Cobal, que abriga 14 boxes para venda de cereais e alimentos não perecíveis; e o Sempre Viva, na rua de mesmo nome, s/n, que vende confecções, calçados e acessórios. Hoje, o mercado possui 60 boxes internos, 50 externos e 11 barracas, com um total de 121 compartimentos.

A feira apresenta movimentos; cores; cheiros; sons e paisagem que atraem tantos frequentadores do próprio bairro quanto dos bairros vizinhos onde as pessoas procuram por uma variedade de produtos, ora simplesmente para tomar um café da manhã, almoço e janta ora apenas para conversar, tomar uma cerveja ou jogar com os amigos e no centro desse caldeirão de movimentos, quase que despercebido encontra-se a necrópole de Casa Amarela (Figura 20) que assim como o mercado e a feira sempre recebe visitantes para despedir de alguém ou rememorar através de lembranças e símbolos das pessoas falecidas.

No contexto histórico, vale destacar um importante símbolo de resistência do bairro e da cidade do Recife que é o Sítio da Trindade. O Sítio da Trindade em Recife tem suas raízes no período colonial brasileiro. Inicialmente, era uma fazenda de cana-de-açúcar que pertencia a um português chamado Domingos Fernandes Calabar, que mais tarde se tornou um renegado e traidor da Coroa

Portuguesa, lutando ao lado dos holandeses na invasão de Pernambuco em 1630.

Figura 20: Foto da entrada do cemitério de Casa Amarela.



Fonte- Cemitério de Casa Amarela: Arquivo do autor, novembro de 2023.

Após a expulsão dos holandeses em 1654, a fazenda foi confiscada pelo governo português e passou a ser gerida pela Igreja Católica. Em 1827, foi doada aos jesuítas, que ergueram uma capela no local, iniciando assim a Paróquia da Trindade.

Hoje, o Sítio da Trindade é um relevante centro histórico e cultural de Recife, com várias antigas construções e monumentos preservados, sendo também palco de importantes eventos religiosos e culturais na cidade.

Situado no bairro de Casa Amarela, no Recife, o Sítio da Trindade representou um espaço importante no período da invasão holandesa (1630 – 1654). Ali, naquela área de terreno elevado, existiu o Forte Arraial do Bom Jesus, também chamado de Arraial Velho, que foi construído em taipa de pilão pelo

general Matias de Albuquerque, entre 1630 e 1635. O Forte funcionou como um foco de resistência luso-brasileira contra os flamengos. Estes bombardearam e tomaram o Forte no ano de 1635. Logo após o surgimento do Arraial Velho, o exército montou o seu acampamento nas redondezas, e uma população de cerca de mil pessoas, antigos habitantes de Olinda – que abandonaram as suas casas durante a presença batava – migraram para lá temerosos do que poderia vir a ocorrer.

Dentre os residentes, por sua vez, havia um elevado número de eclesiásticos – franciscanos, em particular – que no Arraial erigiram um oratório, para celebrarem missas e empreenderam outros atos religiosos. Por outro lado, rapidamente também surgiram barracas com vivandeiros, que montaram os seus negócios e, depois, erigiram estabelecimentos comerciais ao redor da fortaleza. Aquele local, para os portugueses, representava um ponto estratégico no sentido de impedir a entrada dos holandeses para o interior, rumo aos engenhos e às plantações de cana-de-açúcar que, na época, representavam as maiores riquezas da capitania de Pernambuco. Com o aumento da população refugiada, e das crescentes dificuldades para se receber os gêneros alimentícios, todos os bois, cavalos, cães, gatos, entre outros, foram consumidos pelas pessoas famintas.

Os especuladores aproveitaram a oportunidade e elevaram tanto o preço dos alimentos que os soldados só podiam consumir uma pequena porção de açúcar, uma espiga de milho e um pouco de farinha de mandioca, por dia. Há registros, inclusive, de que, por ordem do comandante – o capitão André Marim – alguns comerciantes foram enforcados, uma vez comprovado o fato de que eles estavam tirando proveito daquela situação. No entanto, em decorrência dos ataques sofridos por parte dos inimigos, da falta de armamentos e de uma alimentação adequada, o Forte Real do Bom Jesus, apesar de todos os esforços empreendidos, capitulou em 1635. Os portugueses levantaram, então, um novo forte, nas imediações da Madalena, que foi denominado de Forte Real do Bom Jesus, mas ficou sendo chamado de Arraial Novo, para se distinguir do anterior. Esse Arraial foi o quartel-general dos restauradores de 1646 a 1654, e, as suas ruínas ainda podem ser observadas na Avenida do Forte, no bairro de Torrões.

Em se tratando do Arraial Velho, alguns moradores voltaram depois àquele lugar, trataram de reparar as casas que haviam sido bombardeadas e construíram outras. Com o passar do tempo, porém, as terras foram divididas em diversos sítios e propriedades, surgindo novas ruas e estradas, assim como novas casas de vivenda. Posteriormente, as terras do Arraial passaram às mãos da família Trindade Paretti. Por essa razão, o espaço ficou sendo chamado de Sítio da Trindade. Este Sítio possui um chalé com 600 metros quadrados de área construída, e abrange 6,5 hectares de área verde. Nele, algumas placas podem ser observadas. Em uma delas, lê-se: Caminhando pelas terras deste sítio, estais pisando o solo em que se moveram Matias de Albuquerque e tantos outros heróis da luta contra o invasor. Na frente de um obelisco de granito, com dois metros de altura – um marco comemorativo que foi inaugurado no dia 30 de janeiro de 1922 – percebe-se uma outra placa: Aqui existiu o Forte Arraial do Bom Jesus (Arraial Velho) 1630 – 1635. Instituto Archeologico, 1922. Existe ainda um monumento singelo de cimento, com um medalhão e uma placa, onde se encontra gravado: Ao eminente naturalista José Pedro de Faria Neves, homenagem do povo do Recife. Em 1952, o Sítio da Trindade foi desapropriado e declarado como um bem de utilidade pública. E, em reconhecimento à sua importância histórico-social, no dia 17 de junho de 1974, o local foi classificado como um conjunto paisagístico e tombado pelo Instituto Histórico e Artístico

Um olhar sobre os bairros revela as dificuldades. O bairro de Casa Amarela chegou a ter 81.746 habitantes, em 1950, passando para 126.474 em 1960. A ocupação dos morros de Casa Amarela começou na década de 1940, com as pessoas buscando alternativas de moradia depois da erradicação dos mocambos nas áreas mais centrais do Recife. Com relação ao bairro de Boa Viagem, assinala-se seu significativo aumento de população. De 27.862 pessoas, em 1950, passou para 75.600 habitantes em 1960. Contrastando com o afirmado acima, o núcleo formado pelos bairros do Recife, São José e Santo Antônio fazia o movimento contrário. O de Santo Antônio, que tinha 6.299, em 1950, decresce, em 1960, para 4.794 habitantes.

Assim, a cidade ganhava, efetivamente, outros contornos, alargava-se, deixando o seu centro de ser área residencial importante, para ser invadido pelo

comércio e pelo setor de serviços. Rompia-se com a forma tentacular anterior, como bem assinala Virgínia Pontual: "As áreas vazias entre os tentáculos, ao norte, foram ocupadas, tornando-se uma mancha contínua e compacta, abrangendo os bairros do Recife, Santo Antônio, São José, Boa Vista, Santo Amaro, Graças, Encruzilhada, Beberibe, Casa Amarela e Poço". O mesmo ocorreu, ao sul, "a partir da década de 1950, com o espraiamento da mancha urbana em quase toda extensão territorial da cidade, inclusive com a formação de novos bairros como Imbiribeira, Jordão e Ibura".

O Cemitério de Casa Amarela é um cemitério localizado em uma área urbana no Bairro de Casa Amarela na Cidade do Recife. Com uma área de 11.600 m², o Cemitério Bom Jesus do Arraial recebe mais de 3.600 visitas por mês, e tem uma média de 1400 sepultamentos por ano. É, para alguns, o mais antigo cemitério recifense, pois se tem notícias de sepultamentos no início do século XIX. Os moradores de Casa Amarela têm uma predileção especial pelo sepultamento de seus entes queridos no cemitério local, devido ao apego com o bairro. Recebeu recentemente a ampliação da capacidade, por meio da construção de 324 catacumbas e 108 ossuários.

A Prefeitura do Recife ampliou e disponibilizou para a população um maior número de opções para sepultamentos na cidade. A obra foi coordenada pela Empresa de Manutenção e Limpeza Urbana e custou R\$ 358.300,00. A capacidade do cemitério estava quase encerrada. A ampliação dos jazigos foi feita de maneira vertical para otimizar espaço. Foram construídos blocos com gavetas padronizadas, tanto para os ossuários, quanto para as catacumbas. Atualmente, o Cemitério de Casa Amarela (com área de 11.600 m²) possui 358 catacumbas, 497 ossuários, 2.551 covas rasas e 244 túmulos de famílias. O local recebe, mensalmente, a visita de 3.600 pessoas.

De acordo com a Emlurb, o Cemitério de Casa Amarela é o mais antigo da capital e também o menor. Com uma área de 11,6 mil metros quadrados, possui uma capacidade reduzida na oferta de vagas para sepultamentos. "Os espaços públicos destinados aos sepultamentos são rotativos e a liberação para

um novo uso só é feita após a abertura da cova, realizada dois anos e um dia após o enterro”, afirmou a empresa, por meio de nota.

Um mês antes do Dia de Finados as famílias geralmente começam a fazer a manutenção nos jazigos para que no feriado possam homenagear seus parentes mortos. No entanto, quem faz os serviços diz que a tradição sofreu o reflexo da crise econômica em 2015. O pedreiro José Carlos França, 52, trabalha há 31 anos no Cemitério de Santo Amaro. Ele relatou que começou a ser procurado somente há uma semana. “Este ano foi em cima da hora. A turma está sem dinheiro”, comentou. Outro pedreiro, trabalhando no espaço há três anos, Fernando Carmelito dos Santos, 37, contou: “por dia, eu pegava cinco serviços que me rendiam aproximadamente R\$ 200. Este ano, só estou conseguindo dois. Caiu para R\$ 80 por dia”.

3.2. Em meio ao mercado, feira-livre e comércio local: territorialidades sagradas e profanas do Cemitério Público de Casa Amarela no coração do bairro

O cemitério de Casa Amarela foi inaugurado no ano que o imperador Dom Pedro II esteve em Pernambuco e visitou as redondezas em busca dos vestígios do antigo Forte Bom Jesus do Arraial (Sítio da trindade). Como pertencia a Igreja, quem administrava o cemitério era a irmandade de Nossa Senhora da Saúde. Após a separação política entre a Igreja e o Estado, o cemitério passou a ser administrado pela prefeitura do Recife. Atualmente a gerente do cemitério é Valeria Freitas.

O cemitério de Casa Amarela encontra-se encravado no centro do bairro (Figura 21), revelando-se como um “GEOSSIMBOLO”, que dinamiza a paisagem daquele lugar, ao mesmo tempo em que dialoga com outros símbolos pertencentes no mesmo espaço como o mercado público de Casa Amarela, a Feira livre (Figuras 22 e 23), as casas, os bares e comércios, assim como os frequentadores que utilizam o lugar para socialização, descanso, lazer e visitação de entes queridos.

Figura 21: Imagem de Satélite da Cemitério de Casa Amarela



Fonte <https://mapcarta.com/pt/36620574/Mapa>

Estes espaços representam uma necessidade de sociabilidade e preservação de memória aos seus frequentadores, visto que, o bairro de Casa Amarela é um dos mais antigos da cidade do Recife, além disso, é um dos bairros mais importantes da zona norte por possuir forte características culturais mais diversificadas possíveis.

Segundo (MARTINS, F. G. Arquitetura funerária: conceitos e lógicas propositivas no cemitério do século.) Sugere que os cemitérios podem ser analisados como territórios com suas próprias dinâmicas e relações de poder. Essa perspectiva explora os cemitérios não apenas como locais de sepultamento, mas também como reflexos das hierarquias sociais e simbólicas da sociedade. A arquitetura funerária desempenha um papel fundamental nesse contexto, pois as diversas formas de sepultamento e os monumentos funerários expressam valores, crenças e identidades culturais.

Os cemitérios também são entendidos como espaços de memória coletiva, onde as histórias e tradições de uma comunidade são preservadas e transmitidas. As escolhas arquitetônicas e estilísticas dos túmulos revelam como a morte e o luto são vivenciados e representados pela sociedade.

Portanto, a arquitetura funerária não é apenas uma questão estética, mas também uma forma de expressão e legitimação de poder. Enquanto as famílias mais ricas costumam construir monumentos grandiosos para homenagear seus entes queridos, as classes mais populares optam por soluções mais simples.

Analisar os cemitérios como territórios com suas próprias dinâmicas e relações de poder nos permite compreender melhor as complexas interações entre vida e morte, individualidade e coletividade, materialidade e espiritualidade presentes nesses espaços. A partir desse entendimento, podemos desenvolver propostas arquitetônicas mais sensíveis e significativas para os cemitérios do século XXI.

Figura 22: Feira de Casa Amarela, 1955. Além do belíssimo registro da Feira, temos ao fundo o Cemitério de Casa Amarela.



Fotografia de Marcel Gautherot, acervo do Instituto Moreira Salles.

Em relação ao aspecto cultural local, os moradores mantêm um vínculo com a necrópole do bairro através das manifestações culturais evidenciadas nas festas populares como o carnaval que simbolizam as relações antagônicas entre o sagrado e o profano, dor, tristeza e alegria. Como é o caso do bloco o Papa Defunto.

Figura 23: Feira Livre de Casa Amarela através do olhar da necrópole.



Fonte: Arquivo do autor, 2023.

“Papa Defunto” desfila na quarta-feira de cinzas, em Casa Amarela. Quando chega Quarta-feira de Cinzas, muitos foliões estão mortos de cansados. Para quem ainda está “vivo” e com vontade de brincar o carnaval, o bloco Papa Defunto desfila pelo bairro de Casa Amarela, na Zona Norte do Recife. A agremiação, fundada pelo dono de uma funerária e por moradores do bairro em 1997, geralmente o bloco tem saída no início da noite da sede do bloco, na Avenida Norte.

A animação é realizada com a participação de artistas locais que além de apresentar suas próprias composições como frevos do bloco, interpretam canções de artistas consagrados com o repertório de músicas de Alceu Valença, Capiba e Almir Rouche para a alegria dos vivos no descansar dos mortos.

O bloco surgiu devido à ausência de folia na noite de quarta-feira. “A gente estava no bar da esquina e não tinha nada para fazer na noite da quarta de cinzas. Os amigos me pediram para fazer comida, para a gente beber e ouvir música. Na primeira tentativa o bloco não saiu, mas no outro ano, mesmo sem dinheiro, alugamos um trio elétrico e uma banda. Conseguimos arrastar uma boa

quantidade de gente e arrumamos bons patrocinadores”, relembra o presidente do bloco Papa Defunto, Antônio Alves.

O caixão é o principal estandarte do bloco, em que um homem vai dentro dele. O coveiro Antônio Pereira, mais conhecido como Guaiamum, é o defunto “oficial” da agremiação. “Faz quase nove anos que eu só vou no caixão. A gente morre no dia, por isso é bom brincar. Eu fico alegre quando vejo o pessoal atrás, naquela alegria”, disse Antônio.

Até mesmo o nome original da funerária foi modificado por conta do bloco. “Antigamente, o nome era Casa Forte, mas, por conta do bloco, muita gente começou a dizer que ia fazer o serviço funerário no “Papa” e nós mudamos o nome para Funerária Papa Serviço”, acrescentou o dono do estabelecimento.

A trabalhadora autônoma Maria José Brandão conta que não gosta de brincar com a morte. “Deus me livre de entrar nesse caixão. Eu sentiria que estaria morta”, declarou. Mesmo quem não gosta de carnaval acha a ideia interessante. “eu não curto, mas o bloco é uma alegria. Eu fico só olhando de longe, mas acho o máximo. Não vejo problema nenhum em brincar com a morte” disse o trabalhador em serviços gerais Vladimir Lima.

“ O carnaval de Pernambuco começa com o Galo da Madrugada e acaba com o Papa Defunto. As pessoas que não foram brincar carnaval nenhum dia e as que viajaram podem vir para o papa. No bloco, a gente sai arrastando tudo o que é de ruim. Esperamos um público de mais de 30 mil pessoas”, concluiu o presidente da agremiação.

Quarta- feira de carnaval quase tudo é cinzas... Oito e meia da noite. A Av. Norte parece deserta. As luzes alumiam por força do à pulso. O tempo tem cara de velório. O vento sopra mais forte e frio... É velório, realmente. E só quem aparece é quem possui coragem e muita flexibilidade no corpo. É necessário gingado e descontração.

O cemitério do Bairro de Casa amarela é nosso ponto final. Lá, o vigilante encontra-se muito apreensivo. Procura uma maneira de conter uma multidão nervosa que se aproxima a cada passo de frevo. E descobre que a única solução é segurar o portão com os dedos, pois o cadeado é velho e, assim como a

corrente, sente o mastigar lento da ferrugem. E a noite cai... cai... cai... cada vez mais. Leitor, você está perdido? Então continue lendo. Porque é cinza, canto, enterro. É Gil Gomes. Aqui... Agora!

Ele saiu da casa da patroa e foi caminhando, caminhando... Passou por uma casa funerária e se apaixonou por um caixão. Por um caixão... Que não era um caixão qualquer. Caixão multicor. Foi amor à primeira vista. Sentiu a espuma do leite que desce à tumba e esqueceu da vida quase que totalmente. Trabalhava de sol à sol, de domingo à domingo, mas não esqueceu da cerveja devassa que devassou tudo em sua vida! Até o chifre que o próprio levou. E ele foi! Foi! Foi! Foi pensar na vida na horizontal. E pediu música! Música! Muita música! Com direito a tríos e frevioca. E o cortejo começa a andar às 21hs e 27 minutos. Momento exato em que a caixa colorida deu a partida assim que estouraram o primeiro rojão. Parece um carro de fórmula 1 tentando a Pole Position. Venceu as carrocinhas de cerveja logo de imediato. E uma placa de trânsito indica Guabiraba, mas ele não vai pra lá.

Essa apoteose fúnebre não acontece no Farol da Barra, é claro. Acontece na Av. Norte Miguel Arraes de Alencar, em Recife, numa noite fosca e opaca. Desde 1997 esse “enterra não enterra” está para acontecer. Ah! A mãe de Núbia está presente, também, nessa kilometragem toda! Apoio sandálias acauã. Mais conforto para os seus pés!

Passados os primeiros dez minutos, encheram o caixão de folha de canela, meu velho. Formigas humanas agitadas arrudeiam o bichinho. Papam o defunto exaustivamente. Que falta de respeito! E, para dá o último adeus ao nosso amigo incógnito, estão presentes na bacia do Vasco da Gama, vamos lá: A enfermeira do Hospital da Restauração, o advogado dos cornos sem OAB, John Lennon e os bonecos gigantes. Os semáforos estão doidos com tanto barulho. E placas indicam a todo o momento que não podemos estacionar. “Já visse isso”? São cinco tríos e um mundo que descamba com o som, com tanta tristeza alegre.

Venda de cerveja, água mineral, espetinho e pipoca que pula junto com o povo são outros atrativos dessa festa legitimamente suburbana.

Nesse tipo de baile o “bicho pega”! É réveillon carnavalesco com aparência de assombração! Se não aguentar, pede pra sair, aspira!

Enquanto a sombrinha mais colorida do mundo gira, o falecido em seu conforto fala em alta voz: Voltei, Recife! Foi a saudade que me trouxe pelo braço! O diferencial disso tudo é que não há choro e nem chorinho. Não dorme, neném, que a folia pega!

Rua Padre Lemos. Última pista de dança. O ponto de fuga indica chegada, mas não o fim da brincadeira. Do alto da frevioca é anunciado: Estamos chegando! Estamos chegando à “cidade dos pés juntos”! Salve, salve o locutor de rodeios! Nesse momento “toca-se parabéns pra você.” O difícil é saber se estamos ouvindo frevo ou marcha rancho, tais entendendo? E a voz retumbante do locutor: Chegaaaamos!

Chega o bloco ao seu destino. O morto levanta-se do caixão para tomar cerveja e mijar no banheiro da prefeitura. E comenta: se minha cova sair quadrada, demitam o coveiro. Trinta anos de profissão e não para de obrar. Dito isso, volta a deitar.

Momento de furor! O caixão barrua no portão do cemiterial, assim como um navio em um iceberg. O morto é proibido de entrar em sua morada por estar sem camisa. Eita, placa maldita! A única solução é enguiçar. Mas o defunto está muito cansado e resolve voltar pra sua primeira casa ao som do frevo. Dá pra tu, ou quer mais? Agora falando sério: Que significa brincar com a morte? Por que temê-la tanto? Vale a pena questioná-la?

Esperamos que você tenha curtido a festa. Que não esquite mais a cabeça com besteira. Desejo por encontrar o nosso morto-vivo ou nosso vivo-morto coberto de cinzas e de folhas no próximo carnaval. E que, para sua satisfação, essa estória sempre recomeça.

No contexto da pandemia, os bairros da zona norte do Recife, sobretudo os periféricos localizados nos morros, foram os primeiros a registrar casos de infecção por covid 19, nesse sentido, evidencia-se que os casos de aumento das mortes estão relacionados diretamente a falta de infraestrutura, saneamento e políticas públicas voltadas para os menos favorecidos economicamente,

revelando desse modo, o descaso onde segundo o autor Camaronês Joseph-Achille Mbembe conceitua de “Necropolítica” ou política de morte.

Segundo o Camaronês Achille Mbembe, pela definição, o uso do poder político e social, especialmente por parte do Estado, de forma a determinar, por meio de ações ou omissões (gerando condições de risco para alguns grupos ou setores da sociedade, em contextos de desigualdade, em zonas de exclusão e violência, em condições de vida precárias, por exemplo), quem pode permanecer vivo ou deve morrer. [Termo cunhado pelo filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe, em 2003, em ensaio homônimo e, posteriormente, livro.]

Além disso a “Necropolítica é a capacidade de estabelecer parâmetros em que a submissão da vida pela morte está legitimada. Para Mbembe, a necropolítica não se dá só por uma instrumentalização da vida, mas também pela destruição dos corpos. Não é só deixar morrer, é fazer morrer também. Esse poder de morte, esse necropoder, é um elemento estrutural no capitalismo neoliberal de hoje, atuando por meio de práticas e tecnologias de gerenciamento de morte de certos grupos e populações’, explica Mariana Castro, pesquisadora de necropolíticas da fronteira, mestra em políticas públicas e direitos humanos da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A necropolítica sofisticada e aprofunda os conceitos de biopoder, do filósofo Michel Foucault, e estado de exceção, de Giorgio Agamben. Embora robustos, eles não dão conta das formas de controle de vida e morte produzidas a partir dos processos colonizadores.”ⁱⁱⁱ

“A necropolítica aparece, também, no fato de que o vírus não afeta todas as pessoas de uma maneira igual. (...) ‘O sistema capitalista é baseado na distribuição desigual da oportunidade de viver e de morrer’, diz [Achille] Mbembe. ‘Essa lógica do sacrifício sempre esteve no coração do neoliberalismo, que deveríamos chamar de necroliberalismo. Esse sistema sempre operou com a ideia de que alguém vale mais do que os outros. Quem não tem valor pode ser descartado.’”

No aspecto sagrado, o bairro de Casa amarela possui em sua visão para o alto paisagem do Morro da Conceição. Frequentemente conhecido por abarcar

uma das maiores festas religiosas no mês de dezembro, a Festa do Morro, que homenageia a Nossa Senhora da Conceição, o Morro da Conceição possui, além da igreja, uma rica história, patrimônio cultural e significado arquitetônico.

Localizado na cidade do Recife, o local, que é sede da Igreja católica Nossa Senhora da Conceição, era chamado de Outeiro de Bagnuolo e pertencia ao bairro de Casa Amarela. Em 1900, recebeu a denominação de Outeiro da Bela Vista e, em 1904, quando o bispo do Recife, Dom Luís Raimundo da Silva Brito, mandou erigir no seu alto o monumento da Nossa Senhora da Conceição, construído na França e ali erguido, seu nome passou a ser chamado de Morro da Conceição.

Posteriormente, foi desmembrado em 1988, com a reestruturação político-administrativa do Recife, e passou a ser um bairro. Assim como muitos bairros históricos, o Morro passou por um período de declínio. Mas, nos últimos anos, há um esforço concentrado para revitalizar a área, por meio de projetos de restauração e iniciativas culturais. Lá, é possível ver a arquitetura de casas coloridas, escadarias de azulejos e ruas de paralelepípedos. É uma área que possui um charme único, refletindo os aspectos históricos e culturais de seu passado.

Além disso, é palco de eventos culturais, festivais de música, projetos e ações sociais e muito futebol de várzea, o que também fortalece a transformação social para os menos favorecidos.

Morro da Conceição é um testemunho do passado do Recife e de seus esforços e lutas contínuas para preservar e celebrar seu patrimônio histórico e cultural. O bairro, além de oferecer uma visão da história de Pernambuco, proporciona uma experiência única para aqueles interessados em explorar a rica cultura do país.

3.3. Incrustado nas paredes de Casa Amarela: a relação dos vivos com os mortos no bairro e suas consequências urbano-ambientais

A relação do homem com a morte ao longo do tempo tem sido complexa e variada, refletindo as crenças, valores e práticas de diferentes culturas e épocas. Ao longo da história, a morte foi vista de diversas maneiras, desde como um evento temido e misterioso até como parte natural e inevitável da vida.

Nas civilizações antigas, como os egípcios, os gregos e os romanos, a morte era encarada como uma passagem para outra vida, na qual o indivíduo era julgado e recompensado de acordo com seus feitos em vida. Muitas dessas culturas também praticavam rituais funerários elaborados, como a mumificação, a cremação e o sepultamento com objetos pessoais, para garantir a passagem segura do falecido para o além.

Com o surgimento das grandes religiões monoteístas, como o cristianismo, o judaísmo e o islamismo, a morte passou a ser vista como um momento de transição para a vida eterna, em que a alma é julgada e recompensada ou punida de acordo com seus atos. Estas religiões também introduziram novas práticas funerárias, como o enterro em cemitérios sagrados e a leitura de textos religiosos durante o sepultamento.

Na modernidade, a relação do homem com a morte tem se tornado mais individualizada e secularizada, com o avanço da medicina e da tecnologia que prolongam a vida e diminuem as taxas de mortalidade. No entanto, apesar dos avanços científicos, a morte continua a ser um tema tabu e muitas vezes evitado pela sociedade contemporânea, o que tem levado a um distanciamento das práticas tradicionais de luto e celebração da vida dos falecidos.

Atualmente, observa-se uma diversidade de atitudes em relação à morte, desde a negação e o medo até a aceitação e a celebração da passagem para o desconhecido. A morte ainda é um ponto de inflexão na vida de todos os seres humanos, que nos leva a refletir sobre o sentido da existência e a valorizar o tempo que temos para viver.

Nesse sentido, o bairro de Casa Amarela começou a ter um aumento significativo na sua população a partir da década de 1970, quando a área passou por um processo de urbanização e expansão urbana. Desde então, houve um aumento tanto na construção de novas propriedades quanto na mudança de novos residentes, o que contribuiu para o desenvolvimento e crescimento do bairro.

O centro de Casa Amarela começou a expandir devido ao aumento da população da região e à crescente demanda por serviços e comércios na área. Com o tempo, novos estabelecimentos foram surgindo e a infraestrutura local foi sendo ampliada para atender às necessidades da comunidade. Além disso, a melhoria dos acessos viários e o desenvolvimento econômico da região também contribuíram para a expansão do centro de Casa Amarela.

Com a expansão do centro de Casa Amarela, algumas consequências podem incluir: Aumento da oferta de serviços e comércios, proporcionando mais opções e conveniência para os moradores locais; geração de empregos devido à abertura de novos estabelecimentos e ao aumento da atividade econômica na região; valorização imobiliária, pois a melhoria da infraestrutura e a expansão do centro podem atrair mais investimentos e valorizar os imóveis da área; melhoria da qualidade de vida dos moradores, com acesso facilitado a serviços essenciais e opções de lazer e entretenimento; possíveis desafios relacionados ao aumento do tráfego e da movimentação de pessoas na região, o que pode demandar a implementação de medidas para garantir a segurança e a mobilidade urbana.

Por outro lado, há também impactos que chamam atenção em relação ao crescimento do bairro de Casa Amarela como: Aumento da densidade populacional: Com a expansão do bairro de Casa Amarela, é esperado que mais pessoas se estabeleçam na região, resultando em um aumento da densidade populacional. Maior demanda por infraestrutura e serviços: Com o crescimento populacional, haverá uma maior demanda por infraestrutura urbana, como transporte público, saneamento básico, saúde, educação, entre outros serviços. Impacto no trânsito e na mobilidade urbana: A expansão do bairro de Casa Amarela pode resultar em um aumento do tráfego de veículos na região,

impactando negativamente na mobilidade urbana e aumentando a congestão nas vias. Alterações no mercado imobiliário: Com a expansão do bairro, é possível que haja uma valorização dos imóveis na região, impactando no mercado imobiliário e nos preços de aluguel e venda de imóveis. Alterações no perfil socioeconômico da população: A expansão do bairro de Casa Amarela pode atrair novos moradores e empreendedores para a região, alterando o perfil socioeconômico da população local. Impacto ambiental: A expansão do bairro também pode ter impactos ambientais, como aumento da impermeabilização do solo, desmatamento e diminuição da biodiversidade na região. Medidas de sustentabilidade e preservação ambiental podem ser necessárias para mitigar esses impactos.

Nesse contexto de crescimento urbano, a necrópole de Casa Amarela enfrenta desafios frente a demanda da população do próprio bairro assim como de bairros vizinhos. Aumento na procura por sepulturas: Com o aumento populacional, há mais pessoas que vão precisar de sepultura no cemitério de Casa Amarela. Isso pode sobrecarregar a capacidade de atendimento do cemitério. Escassez de espaços disponíveis: O aumento na procura por sepulturas pode resultar na falta de espaços disponíveis no cemitério de Casa Amarela. Isso pode dificultar a busca por locais para novos sepultamentos e para a compra de áreas adicionais para expandir o cemitério. Sobrecarga na infraestrutura: O crescimento populacional pode sobrecarregar a infraestrutura do cemitério, afetando os sistemas de gestão de resíduos e de água. Isso pode resultar em falta de manutenção adequada, acúmulo de lixo e piora das condições sanitárias. Impactos ambientais: O aumento no número de sepultamentos no cemitério de Casa Amarela pode ter consequências ambientais, como contaminação do solo e da água devido à decomposição dos corpos e ao uso de produtos químicos para a conservação das sepulturas.

Em resumo, o crescimento populacional pode acarretar diversos impactos para o cemitério de Casa Amarela, exigindo a implementação de medidas para garantir a sustentabilidade e a capacidade de atendimento do local.

Assim como o bairro da Várzea, é possível observar residências no entorno dividindo espaço com o muro da necrópole de Casa Amarela. Por outro lado, mais distante do campo santo, avista-se prédios e arranha-céu modernos e de alto padrão denotando de certa forma, que quem possui poder aquisitivo prefere afastar-se do cemitério de Casa Amarela.

A noção de território é um conceito intrinsecamente ligado às relações de poder e à elaboração da identidade social. No contexto urbano, o cemitério de Casa Amarela ocupa um espaço singular, que, embora associado à morte e ao luto, revela-se também como um locus de disputas sociais, culturais e políticas.

Em primeiro lugar, é fundamental compreender que o cemitério não é apenas um local de sepultamento, mas um espaço que carrega significados profundos para as comunidades que o cercam. Segundo o geógrafo Milton Santos, o território é uma construção social que abriga relações de poder, onde as práticas sociais se entrelaçam com a materialidade do espaço. Nesse sentido, os cemitérios, muitas vezes vistos como “marcadores de classe” (Lefebvre, 1991), refletem as hierarquias sociais e as desigualdades do espaço urbano. Por exemplo, em muitas cidades, os cemitérios de elite, com mausoléus luxuosos, contrastam com os cemitérios populares, que carecem de infraestrutura e manutenção adequada, evidenciando a divisão de classes e a exclusão social.

Além disso, a presença de um cemitério pode influenciar diretamente o valor imobiliário das áreas adjacentes. Estudos mostram que a proximidade a cemitérios, longe de desvalorizar os imóveis, pode em alguns casos valorizar terrenos pela tranquilidade e pelas vistas que esses espaços proporcionam (Tuan, 1977). Contudo, esta valorização também pode resultar em conflitos territoriais, onde moradores de regiões próximas aos cemitérios lutam para preservar seu espaço e sua identidade, especialmente quando há propostas de expansão ou privatização dos terrenos.

Outro aspecto relevante é a forma como os cemitérios se tornam espaços de resistência e memória coletiva. Em muitos lugares, como é o caso do Cemitério da Várzea e Casa Amarela, o local se transforma em um espaço para a preservação da memória histórica e cultural da cidade, onde grupos se organizam para realizar eventos em homenagem a figuras históricas e artistas, ou protestos sociais que reivindicam a valorização da cultura local. Esse fenômeno revela como o cemitério pode ser apropriado como um espaço de luta, onde diferentes grupos buscam reafirmar suas identidades e sua herança cultural dentro do contexto urbano.

Por fim, é imperativo considerar que o debate sobre o território dentro e fora do cemitério não pode ser separado da discussão sobre o acesso e a representação social. As políticas urbanas muitas vezes negligenciam a importância dos cemitérios como espaços de inclusão e de memória, resultando

em sua marginalização. A intervenção do Estado para garantir a preservação e a dignidade desses espaços é crucial para que possam continuar a servir como locais de respeito, memória e reflexão.

Em suma, a relação entre o território dentro e fora do cemitério ilustra como o poder se manifesta nas dinâmicas urbanas (Figuras 24 e 25), refletindo e perpetuando desigualdades sociais e culturais. O cemitério, longe de ser um simples espaço de sepultamento, revela-se como um ponto de tensão e resistência na configuração dos territórios urbanos. Assim, a análise dos espaços de morte é fundamental para compreender as nuances das relações sociais e de poder na cidade contemporânea.

Figura 24: Os desafios da necrópole de Casa Amarela frente a expansão do bairro.



Fonte: Arquivo dos autores, abril de 2023.

Figura 25: Apartamentos de alto padrão mais afastados da necrópole demonstrando a relação de poder.



Fonte: Arquivo do autor, abril de 2023.

"Viver ao lado de um cemitério pode ter uma atmosfera um tanto sombria, mas também pode proporcionar uma sensação maior de tranquilidade e privacidade. Alguns residentes podem até encontrar consolo na proximidade com o local de descanso final de seus entes queridos. No entanto, para outras pessoas, estar perto de um cemitério pode ser assustador e desagradável. No final das contas, a opinião sobre morar ao lado de um cemitério dependerá das crenças e sentimentos individuais de cada pessoa

Residir ao lado da necrópole significa presenciar diariamente o luto alheio (Figura 26). O luto é a forma como lidamos emocionalmente com a perda de algo ou alguém importante. É uma resposta natural de tristeza, dor, raiva e confusão que surge quando perdemos algo que amamos profundamente. O processo de luto pode ser vivenciado de maneiras distintas por cada indivíduo e não há um tempo determinado para superá-lo. É essencial permitir-se sentir e expressar as emoções durante esse período e buscar apoio de amigos, familiares ou profissionais se necessário.

Figura 26: Residências mais humildes dividindo o muro do espaço da Necrópole de Casa Amarela.



Fonte: Arquivo do autor, abril de 2023.

Vários autores falam sobre o luto de maneiras diferentes, abordando aspectos psicológicos, emocionais, espirituais e sociais do processo de luto. Alguns autores conhecidos incluem Elisabeth Kübler-Ross, que criou o modelo dos cinco estágios do luto (negação, raiva, barganha, depressão e aceitação); C.S. Lewis, que descreveu sua própria experiência de luto em seu livro "A Grief Observed"; e Joan Didion, que examinou o luto após a morte repentina de seu marido em seu livro "The Year of Magical Thinking". Outros autores que tratam do tema do luto são Megan Devine, Alan Wolfelt e Therese A. Rando. Cada um traz perspectivas únicas e insights sobre como lidar com a perda e o luto.

O cemitério de Casa Amarela, é um espaço que carrega uma rica herança cultural e social, refletindo não apenas as práticas de sepultamento, mas também as complexas relações de poder e resistência presentes na sociedade. Os cemitérios, muitas vezes tratados como meros locais de descanso final, são também espaços de contrapoder, nos quais diferentes vozes e narrativas se manifestam.

Um dos contrapoderes evidentes no cemitério de Casa Amarela é a capacidade de ressignificação dos rituais de morte e dos próprios mortos. Os cemitérios no Brasil, especialmente aqueles que abrigam comunidades marginalizadas, frequentemente servem como espaços onde a memória coletiva

é preservada. A forma como as famílias homenageiam seus entes queridos, com altares, flores e objetos pessoais, é uma maneira de contestar a invisibilidade social e de manter viva a história de vidas que, de outra forma, poderiam ser esquecidas.

Citações de estudiosos como José Carlos Reis, em sua obra "A Morte e a Vida nas Cidades" (2010), exploram como os cemitérios são microcosmos de relações sociais e podem ser vistos como palcos temporais de resistência cultural. Reis afirma que "os cemitérios são muito mais do que lugares de sepultamento; são espaços onde se renegociam as memórias e as identidades".

Além disso, a presença de grupos e movimentos que utilizam o cemitério como um ponto de apoio para suas reivindicações sociais também exemplifica um contrapoder. Em muitos casos, cemitérios urbanizam-se como pontos de luta por direitos e reconhecimentos, seja em relação à preservação do espaço, seja nas práticas de culto e memória.

Um exemplo contemporâneo de resistência no espaço do cemitério de Casa Amarela pode ser encontrado em iniciativas de preservação do patrimônio histórico e cultural do local, que visam proteger a memória dos que ali descansam e a história da própria comunidade. A preservação do cemitério é uma forma de afirmar a importância da história local e de valorizar as narrativas de grupos frequentemente marginalizados.

Portanto, o cemitério de Casa Amarela representa um contrapoder cultural, onde a memória, a identidade e a resistência se entrelaçam em um espaço que, à primeira vista, poderia parecer apenas um lugar de luto. A articulação dessas diversas camadas sociais e culturais revela a complexidade das relações de poder na sociedade contemporânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O texto analisou os Cemitério da Várzea e Casa Amarela na condição de território geossimbolicamente demarcado, não somente por suas cerimônias e rituais fúnebres, que marcam a passagem de um estado (a vida) para outro (a morte), mas também pela conformação dos seus espaços, objetos lúgubres e representações. Afora incursionar por essa geografia sepulcral, por um território de múltiplas formas, usos e significados, buscou-se discutir a relação dos moradores com o cemitério do bairro, evidenciando os paradoxos existentes, com os indivíduos tecendo ligações amiúdes com o local dos mortos, mas também rejeições e estranhezas, seja por motivos do “além”, seja por razões médico-higienistas, ou por ambos os motivos. Não à toa, Figueiredo (2011) ter afirmado “[...] que as necrópoles são cercadas de simbolismos de proximidade/aceitação, de um lado, e rejeição/temor, de outro” (FIGUEIREDO, 2011, p. 60).

Figura 27: Depósito irregular de lixo no interior do Cemitério da Várzea.



Fonte: Arquivo dos autores, abril de 2018.

Neste contexto, observou-se a existência de residências geminadas aos muros laterais das necrópoles, e no caso do cemitério da Várzea apenas uma

residência volta a sua fachada para o cemitério. Malgrado a ligação física das casas, há uma clara negação ao território dos mortos no tocante a sua paisagem fúnebre e aos seus riscos reais e imaginários (riscos físicos-ambientais e simbólicos-imateriais, respectivamente). Todavia, torna-se evidente que o “último cemitério do Recife” também se revela a derradeira morada para os moradores da Várzea, que constroem suas vidas com seus vizinhos, parentes e compadres, findando seus dias no próprio cemitério do bairro.

Dessa maneira, o cemitério respalda o conceito de território na Geografia, um espaço delimitado não somente pelas múltiplas relações de poder nele existentes (de um poder mais tradicional ao mais simbólico), mas também pelo próprio significado da palavra. *Territorium* deriva do vocábulo terra e a função do cemitério é en-terra-r corpos. Daí, portanto, a ligação indissociável do conceito à morada dos mortos, território onde ao pó (à terra) retornaremos.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, R. de P. (2002). "**Cemitérios e Memórias: Territorialidade e Identidade**".
- BELLOMO H. R. **A Arte Funerária**. In: BELLOMO, H.R. (Org.) Cemitérios do Rio Grande do Sul – Arte, Sociedade e Ideologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.
- BONNEMAISON, J. "Viagem em torno do território". In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Geografia cultural** – uma antologia. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012, p. 279-304.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**, 1988. Art. 19
- CAMPOS, A. P. S. **Avaliação do potencial de poluição no solo e nas águas subterrâneas decorrente da atividade cemiterial**. Dissertação (Mestrado em Saúde Pública) – Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, USP, São Paulo, 2007. 124 p.
- CATROGA, F. **O céu da memória: cemitério romântico e culto cívico dos mortos**. Coimbra: Livraria Minerva Editora, 1999.
- COSTA, F. A. P. da. **Arredores do Recife**. 2 ed. Recife: Massangana, 2001.
- FÉLIX, L. O. **Política, memória e esquecimento**. In: Tedesco, João Carlos. Usos de memórias: política, educação e identidade. Passo Fundo: UPF Editora, 2002.
- FOUCAULT, M. (1977). "**Vigiar e Punir**".
- FREITAS, Maria Helena de C. L. "**Cemitérios e a Questão da Laicidade**". [S.l.: s.n.], 2018.
- FREYRE, Gilberto. **Guia prático, histórico e sentimental da cidade do Recife**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1942.
- FIGUEIREDO, O. M. O caráter simbólico e significados de uma necrópole inglesa na cidade do Rio de Janeiro. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 30, jul./dez., p. 55-64, 2011.
- GUERRA, F. **Velhas igrejas e subúrbios históricos**. 2.ed. Recife: Ediouro, 1970.
- HAESBAERT, R. "Da multiterritorialidade aos novos muros: paradoxos da desterritorialização contemporânea". In: JESUS, E. de. (Org.). **Arte e novas espacialidades: relações contemporâneas**. Rio de Janeiro: F10 e Oi Futuro, 2011, v. 1, p. 54-65.

HARVEY, D. (2010). "**O Enigma do Capital**".

LEFEBVRE, Henri. ***A Produção do Espaço***. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1991.

LE GOFF, J. **História e Memória**. São Paulo, Editora da Unicamp, 1996.

MARCUS, G. E. (1998). "**Ethnography Through Thick and Thin**".

MARTINS, F. G. **Arquitetura funerária: conceitos e lógicas propositivas no cemitério do século XX** (Dissertação de Mestrado). Lisboa: Universidade Lusíada de Humanidades e Tecnologias, 2015.

MELO, F. C. de. **Cemitério da Várzea: uma geografia sepulcral do bairro**. Monografia (Licenciatura em Geografia) - Departamento de Ciências, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, 2019.

PACHECO, A. **Cemitérios e meio ambiente**. 168f. Tese (Livre Docência) - Instituto de Geociências, São Paulo, USP, 2000.

Parkes CM. Elisabeth Kubler-Ross, **On death and dying: a reappraisal. Mortality** 2013; 18(1):94-97.

PESSIS, Anne-Marie, et al. "**Evidências de um cemitério de época colonial no Pilar, Bairro do Recife, PE.**" *Clio: Série Arquelógica*, Recife, 28 (2013): 1-27.

REIS, José Carlos. ***A Morte e a Vida nas Cidades***. Editora XYZ, 2010.

ROLIM, A. L. **A modernidade nos subúrbios do Recife ou de como surge o edifício suburbano moderno – o caso de Casa Amarela, Afogados e Encruzilhada**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, 1999.

ROSENDAHL, Z. **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. 2 ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.

SALDANHA, B.C. **REPRESENTAÇÕES NA CIDADE DOS MORTOS: EXPRESSÕES SIMBÓLICAS E TERRITORIALIDADES RELIGIOSAS NOS CEMITÉRIOS DE SERROLÂNDIA-BAHIA**-Dissertação (mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2020.

SANTOS, Milton. ***A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção***. São Paulo: Hucitec, 1996.

SCARLATO, F. C. **O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro**. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

SEABRA, O. C. de L. Urbanização: bairro e vida de bairro. **Travessia – Revista do Migrante**, n. 38, ano XIII. São Paulo: Centro de Estudos Migratórios, 2000, p. 11-17.

SIAL, V. V. de C. **Das igrejas ao cemitério**: políticas públicas sobre a morte no Recife do século XIX. 330f. Dissertação (Mestrado em História), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, 2005.

SOBRINHO, M. F. da S. **Várzea** - lembranças de um tempo que se foi. 1 ed. Recife: Bagaço, 2012.

SOUZA, M. J. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

_____. O bairro contemporâneo: ensaios e abordagem política, in: **Revista Brasileira de Geografia**. V. 51, n. 2, abr/jun. Rio de Janeiro, 1989, p. 139-172.

TUAN, Y. **Paisagens do Medo**. Trad. Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

TUAN, Yi-Fu. ***Topofilia: A Morfologia do Espaço e do Lugar***. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1977.

<https://pe.unit.br/blog/noticias/historia-do-morro-da-conceicao/>

VAINSENER, Semira Adler. **Cemitério dos Judeus (Recife, PE)** . In: Pesquisa Escolar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2004. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/cemiterio-dos-judeus-recifepe/>. Acesso em: dia mês ano. (Ex.: 6 ago. 2020.)